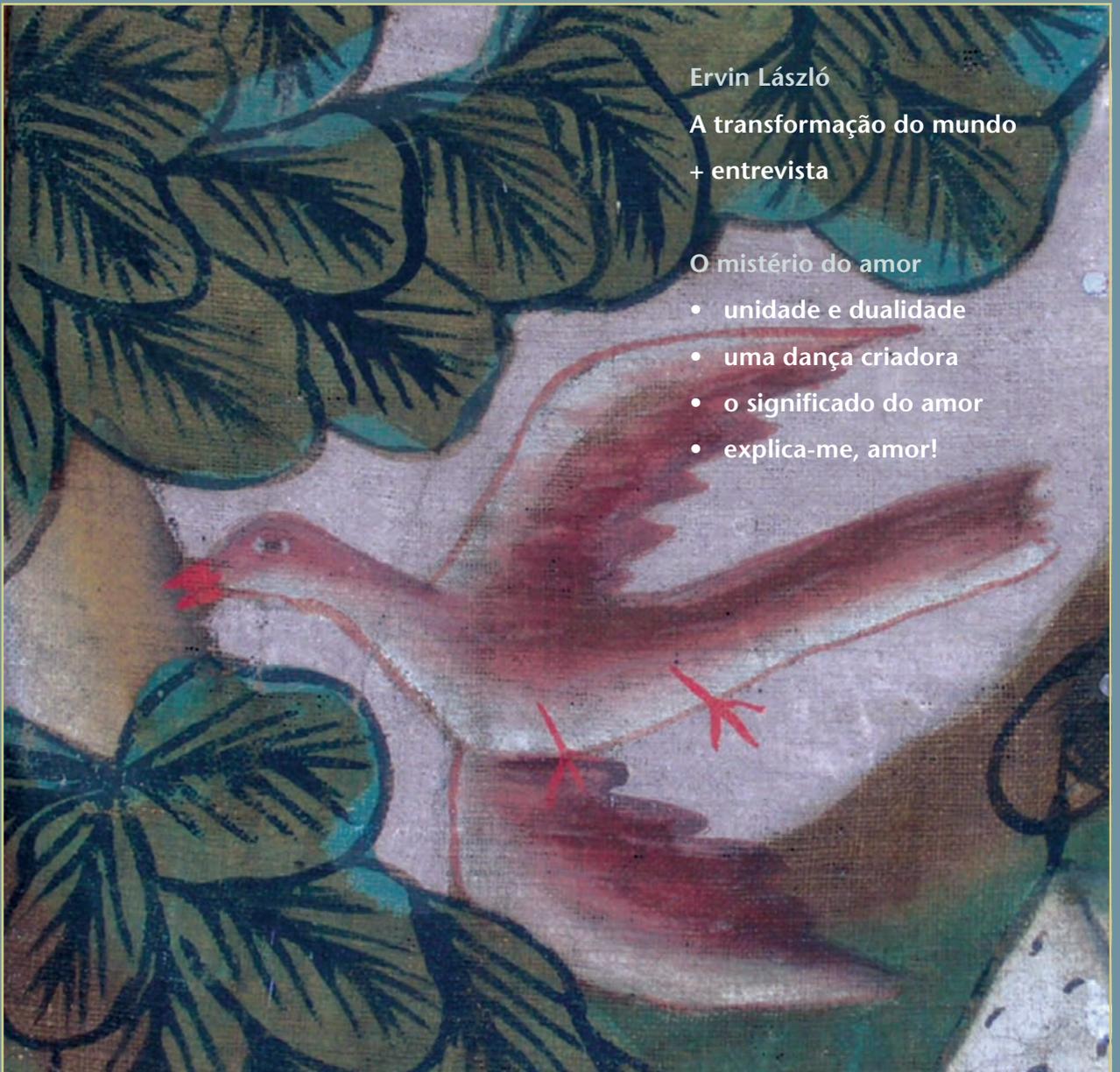




pentagrama

Lectorium Rosicrucianum



Ervin László

A transformação do mundo
+ entrevista

O mistério do amor

- unidade e dualidade
- uma dança criadora
- o significado do amor
- explica-me, amor!

pentagrama

Editor responsável

A. H. v. d. Brul

Redação final

P. Huis

Imagens

I. W. v. d. Brul, G. P. Olsthoorn

Design

Capa: Dick Letema

Interior: Ivar Hamelink

Redação

C. Bode, A. Gerrits, H. P. Knevel, G. P. Olsthoorn,

A. Stokman-Griever, G. Uljée, I. W. v. d. Brul

Secretaria

C. Bode, G. Uljée

Endereço da Redação

Pentagram

Maartensdijkseweg 11

NL – 3723 MC Bilthoven, Holanda.

info@rozekruispers.com

Edição Brasileira

Editora Lectorium Rosicrucianum

Administração, assinaturas e vendas

Tel: (011) 4016-1817

Fax: (011) 4016-5638

www.editoralrc.com.br

Responsável pela Edição Brasileira

M. D. Eddé de Oliveira.

Revisão final

M. R. de Matos Moraes

Tradutores e revisores

S. Cachemaille, M. C. Zanon Costa, I. Duriaux,

J. Jesus, M. Pedroza, S. A. Pereira, A. Sader, M. S. Sader,

Y. Sanderse, U. Shmit, M. V. Mesquita de Sousa

Diagramação, capa e interior

D. B. Santos Neves

Lectorium Rosicrucianum**Sede no Brasil**

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo, SP

www.lectoriumrosicrucianum.org.br

info@rosacruzaurea.org.br

Sede em Portugal

Travessa das Pedras Negras, 1, 1.º, Lisboa

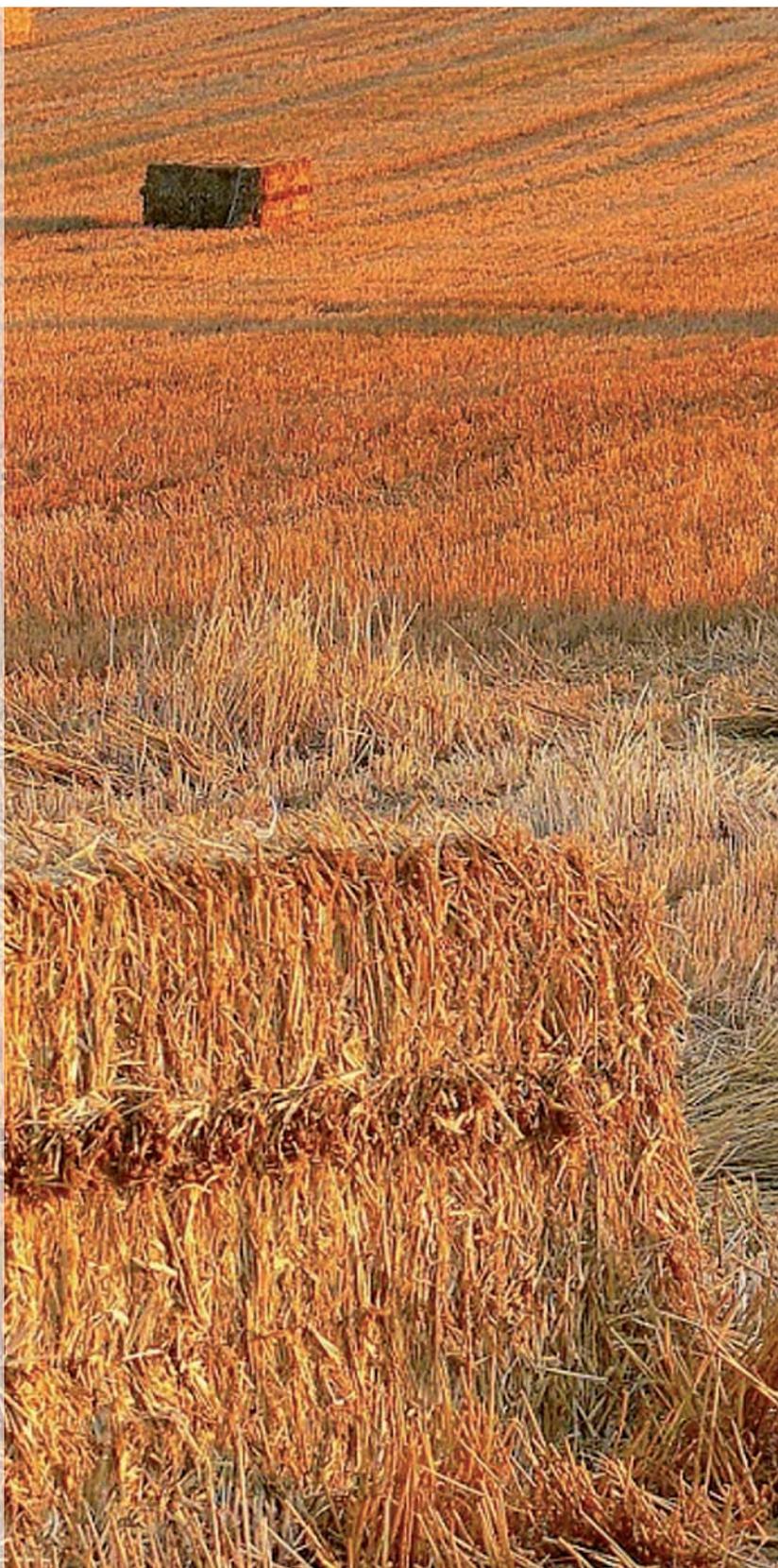
www.rosacruzlectorium.org

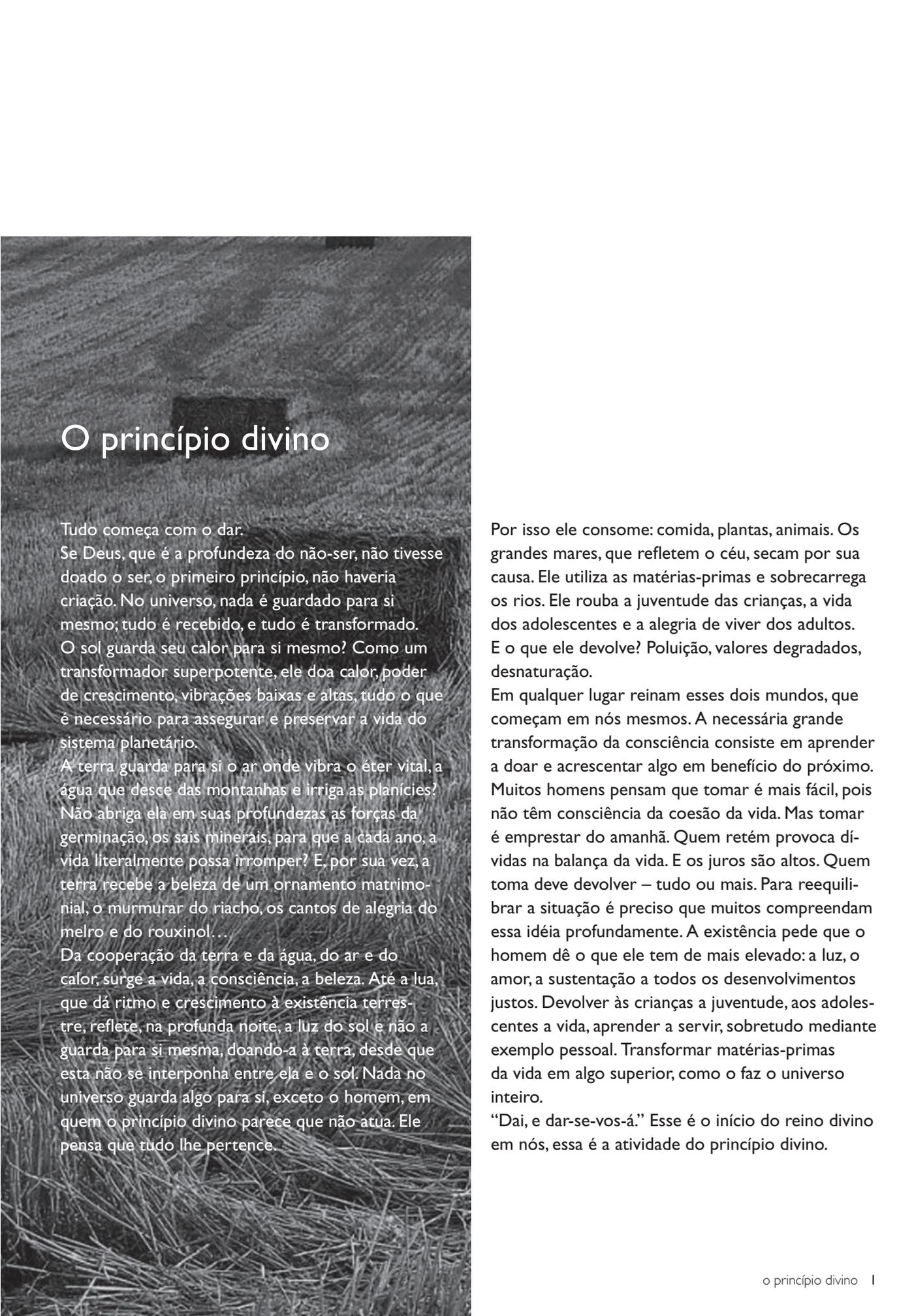
escola@rosacruzaurea.org

© Stichting Rozekruis Pers

Proibida qualquer reprodução sem
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253





O princípio divino

Tudo começa com o dar.

Se Deus, que é a profundidade do não-ser, não tivesse doado o ser, o primeiro princípio, não haveria criação. No universo, nada é guardado para si mesmo; tudo é recebido, e tudo é transformado.

O sol guarda seu calor para si mesmo? Como um transformador superpotente, ele doa calor, poder de crescimento, vibrações baixas e altas, tudo o que é necessário para assegurar e preservar a vida do sistema planetário.

A terra guarda para si o ar onde vibra o éter vital, a água que desce das montanhas e irriga as planícies? Não abriga ela em suas profundezas as forças da germinação, os sais minerais, para que a cada ano, a vida literalmente possa irromper? E, por sua vez, a terra recebe a beleza de um ornamento matrimonial, o murmurar do riacho, os cantos de alegria do melro e do rouxinol...

Da cooperação da terra e da água, do ar e do calor, surge a vida, a consciência, a beleza. Até a lua, que dá ritmo e crescimento à existência terrestre, reflete, na profunda noite, a luz do sol e não a guarda para si mesma, doando-a à terra, desde que esta não se interponha entre ela e o sol. Nada no universo guarda algo para si, exceto o homem, em quem o princípio divino parece que não atua. Ele pensa que tudo lhe pertence.

Por isso ele consome: comida, plantas, animais. Os grandes mares, que refletem o céu, secam por sua causa. Ele utiliza as matérias-primas e sobrecarrega os rios. Ele rouba a juventude das crianças, a vida dos adolescentes e a alegria de viver dos adultos. E o que ele devolve? Poluição, valores degradados, desnaturação.

Em qualquer lugar reinam esses dois mundos, que começam em nós mesmos. A necessária grande transformação da consciência consiste em aprender a doar e acrescentar algo em benefício do próximo. Muitos homens pensam que tomar é mais fácil, pois não têm consciência da coesão da vida. Mas tomar é emprestar do amanhã. Quem retém provoca dívidas na balança da vida. E os juros são altos. Quem toma deve devolver – tudo ou mais. Para reequilibrar a situação é preciso que muitos compreendam essa idéia profundamente. A existência pede que o homem dê o que ele tem de mais elevado: a luz, o amor, a sustentação a todos os desenvolvimentos justos. Devolver às crianças a juventude, aos adolescentes a vida, aprender a servir, sobretudo mediante exemplo pessoal. Transformar matérias-primas da vida em algo superior, como o faz o universo inteiro.

“Dai, e dar-se-vos-á.” Esse é o início do reino divino em nós, essa é a atividade do princípio divino.

ano 30 número 5 2008

sumário

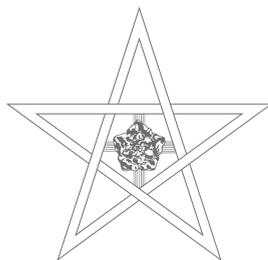
- o princípio divino 1
a humanidade em direção de uma etapa
comparável a um salto quântico
Ervin László 3
+ entrevista com Ervin László 10
unidade e dualidade 16
uma dança criadora 22
o amor que salva
Sören Kierkegaard 27
o significado do amor 28
o ritmo da manifestação universal
J. van Rijckenborgh 32
chamado ao verdadeiro amor 35
explica-me, amor!
Ingeborg Bachmann 38

Capa:

Desde tempos imemoriais a pomba é o símbolo do Espírito e da paz das almas viventes, como por exemplo, na “Igreja do amor” da Fraternidade dos cátaros.

Na Bíblia, o espírito religa-se a Jesus sob a forma de uma pomba.

Imagem pintada em seda em Owlpen Manor, Gloucestershire, Inglaterra



Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **Pentagrama** propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista **Pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

A HUMANIDADE RUMO A UMA ETAPA
COMPARÁVEL A UM SALTO QUÂNTICO

A transformação do mundo

Ervin László, o fundador do Clube de Budapeste está à frente da Globalshift University (a Universidade da Transformação Global) (www.globalshiftu.org). Ele é o autor de mais de quatrocentos artigos e de oitenta livros, dos quais os mais recentes são *Science and the Akashic Field: An Integral Theory of Everything* (Ciência e o campo do Akasha: Uma teoria integral de tudo) (2004) e *Quantum shift in the Global Brain* (Transformação quântica no cérebro global) (2008). Em sua contribuição à revista Pentagrama, ele trata de quatro questões fundamentais no que diz respeito às futuras modificações da consciência: Quais? Por quê? Como? Quando?

QUAL É A PERGUNTA? Se Hamlet vivesse em nossa época, ele não gritaria com mais convicção que nunca: “Ser ou não ser, eis a questão”? Mas não seria contemplando um crânio humano, mas sim a terra viva. Podemos continuar a existir sobre este planeta, ou estamos ameaçados de extinção como os dinossauros? Aproximamo-nos de um importante momento decisivo, um ponto onde o mundo deve mudar: a nossa sobrevivência está em perigo.

ESTAMOS DESTRUINDO O PLANETA A produção dos recursos físicos e biológicos essenciais atinge o seu máximo. As espécies animais das florestas e das

águas desaparecem gradualmente, e os recifes de coral estão danificados seriamente. O solo esgota-se devido à grande quantidade de culturas e ao emprego de produtos químicos. As manipulações genéticas diminuem a biodiversidade. As reservas de água potável diminuem; mais da metade da população mundial enfrenta escassez de água. E a mudança climática ameaça tornar grande parte do planeta imprópria para produzir alimento e servir de *habitat*.

ESTAMOS DESTRUINDO AS ESTRUTURAS SOCIAIS Tanto nos países pobres como nos países ricos reina uma insegurança crescente, que faz a tendência

ao terrorismo e à guerra aumentar. O fundamentalismo muçulmano estende-se em todo o Oriente Médio; na América cresce o fanatismo religioso, e na Europa atuam o neonazismo e outros grupos extremistas. A distância aumenta entre os ricos e os poderosos de um lado, e os marginais e os pobres do outro. Um bilhão de seres humanos aproveita oitenta por cento da produção mundial da terra, enquanto cinco bilhões e meio compartilham os vinte por cento restantes. Um em cada três cidadãos vive em bairros pobres e guetos urbanos, cerca de novecentos milhões vivem em favelas.

Se tudo continuar desse modo, a mudança do clima provocará secas, furacões, más colheitas, elevações do nível dos oceanos. A fome e as frustrações aumentarão o terrorismo e as guerras. O equilíbrio delicado da nossa dependência mútua neste mundo ficará seriamente perturbado. No desmoronamento mundial que sobrevirá nenhum país e nenhuma população serão poupados. “Ser ou não ser, eis a questão.” Se queremos “ser” e residir neste planeta, devemos mudar. Mas mudaremos a tempo?

POR QUE DEVEMOS MUDAR? Para mudar a tempo, devemos conhecer a natureza da atual conjuntura, e a razão de ela ser insustentável. Essa noção apareceu apenas há uns quinze anos, embora não seja nova. No fim do século dezoito, Thomas Malthus publica o seu famoso tratado sobre a relação entre população e alimento. Primeiro, estabelece que o alimento é necessário para a sobrevivência dos homens, e, segundo, que estes devem continuar a produzir como sempre o fizeram. No entanto, virá inevitavelmente um tempo onde o aumento da população será tão elevado que excederá a capacidade de produção de alimentos pela terra.

A “catástrofe malthusiana” é uma versão simplificada do ponto onde vamos chegar. Além disso, a pergunta já não é apenas a da produção de alimento, mas a de todas as bases da vida sobre o planeta. O problema não é somente o do aumento da população, mas, sobretudo, o da quantidade de matéria consumida por cada pessoa e da proporção em que ela polui o ambiente. Em sessenta anos, desde a Segunda Guerra Mundial, consumimos mais matérias primas e produtos biológicos do que em todo o período anterior da nossa história. E produzimos



mais resíduos do que a natureza pode regenerar. Aí está a situação insustentável. Conhecemos, por exemplo, a quantidade de alimento necessário por pessoa: corresponde ao rendimento de um terreno de 1,7 ha. Mas a média ecológica é hoje de 2,8 ha. (e seria ainda muito mais elevada se considerássemos os países mais pobres, que têm médias bem mais baixas. Em Bangladesh, por exemplo, é de 0,5 ha. por pessoa). Evidentemente, o alimento representa apenas uma das necessidades fundamentais necessárias para viver e desenvolver-se; mas consumimos infinitamente em demasia e assim esgotamos as nossas reservas.

Que acontecerá quando atingirmos os limites dos recursos disponíveis? No laboratório, quando as bactérias terminam de esgotar as substâncias das quais se alimentam, morrem; quando os ratos chegam ao fim da sua provisão, ficam estéreis; e os lemingues, neste caso, cometem suicídio coletivo. No entanto, quando uma espécie no nível de consciência elevada como o homem aproxima-se do limite dos seus recursos, ela não morre, não fica estéril nem se suicida, mas pode transformar a sua consciência a fim de considerar o mundo de outra

maneira, de encontrar novos valores e estabelecer novas prioridades. Ela tem a capacidade de descobrir o meio para sobreviver.

MAS COMO PODEMOS MUDAR? Gandhi afirmava: “É necessário que você mesmo seja a mudança que quer ver neste mundo”. Hoje isso significa alterar a própria consciência para que a consciência dos outros também se altere. Como fazê-lo? Para começar, renunciando à nossa antiga consciência e às convicções que a fundamentam. Faça-se as seguintes perguntas. Você acredita:

- que cada um é único e que é justo que cada um se ocupe de seus interesses pessoais?
- que é necessário lutar para viver, por conseguinte que só os mais fortes sobreviverão (e os mais fortes são os mais ricos ou os mais poderosos?)
- que na luta que representa a concorrência, o objetivo justifica os meios?
- que quanto mais dinheiro se tenha, mais impor-



Uma nova Fraternidade mundial

Há séculos é sabido que o ferro, tal como encontrado em nosso planeta, é polarizado pelas radiações de Marte, ou seja: ele é ativado, tornado vivente e radiante por essas radiações. Pela atividade do ferro a vida na natureza foi e é mantida, e o alimento foi e é suprido com seus valores nutrientes. Sabeis que muitos alimentos que absorvemos contêm ferro? Talvez agora compreendais o que significa polarizar o ferro: significa tornar esse elemento ativo, radiante. O urânio também é polarizado e ativado em nosso reino natural pelo planeta Urano. O netúnio foi polarizado por Netuno, e o plutônio, por Plutão. Portanto, isso quer dizer que as radiações que emanam desses três planetas dos mistérios tornaram esses metais ativos em nossa vida, segundo determinada lei universal, a fim de que, em dado momento, o santuário da cabeça pudesse abrir-se de modo normal para a grande realidade da vida solar e planetária. Todavia, já faz muito tempo que isso

não acontece. A degradação forçada desses três elementos despojou nosso planeta de grandes e maravilhosas forças divinas.

E, assim, o espírito planetário está fortemente entravado em suas atividades. E, ao mesmo tempo, a harmonia entre nossa terra e outras forças do corpo solar é totalmente perturbada. Dessa forma, surge uma contranatureza – de fato, chega a ser ridículo! – que torna o método biodinâmico simplesmente um absurdo e a fitoterapia mais negativa que segura.

Assim, devemos concluir – e nosso intuito é tornar bem clara esta conclusão – que toda a atividade da vida humana está completamente bloqueada [...] Pensemos simplesmente no aumento absurdo do tráfego. [...]

Ao examinardes tudo o que acabamos de abordar, podemos apontar um só verdadeiro culpado em tudo isso? Não, não podemos! Pois, todos estão fazendo o melhor que podem, e todos são

sérios, cada qual a seu modo. Devemos apenas concluir que a humanidade inteira está doente e é vitimada pela ignorância fundamental. E o maior pecado que a aflige é a ignorância devido a crescente degenerescência e cristalização. Agora precisamos observar tudo isso, não para nos deter nos fenômenos, nem para discutir uns com os outros a respeito do grau de gravidade desse ou daquele aspecto. O que ganharíamos discutindo e empilhando crítica sobre crítica? Com efeito, há milhares de motivos para se criticar.

Devemos, então, criar outra organização? Devemos tentar instituir uma nova fraternidade mundial no plano horizontal, para combater tudo isso, e percorrer o mundo com a palavra escrita e falada a fim de advertir a humanidade? Ah, amigos, por mais sincera e pura que seja a intenção, não haveria nenhum sucesso, já não seria possível haver sucesso. O que precisamos é do surgimento de uma nova fraternidade mundial, em sen-

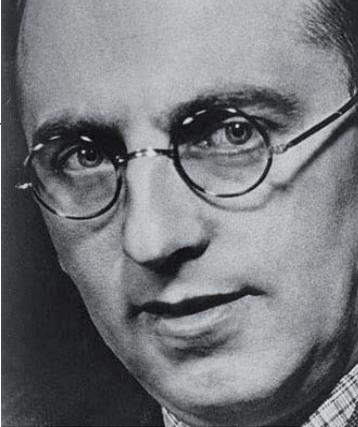
tante se é, e provavelmente mais feliz?

- que é necessário ser honesto unicamente com o seu país ou com a empresa onde trabalha, porque “os outros” são apenas estados estrangeiros ou organizações concorrentes?
- que, se queremos a paz, é necessário preparar a guerra?
- que a tecnologia e a eficácia constituem a única resposta, qualquer que seja a pergunta?
- que sob todos os pontos de vista, os recursos da terra são inesgotáveis e que a terra é também um esgoto onde podemos lançar sem limite os nossos resíduos?
- que é possível organizar a nossa sociedade como

um supermercado, uma auto-estrada ou uma aldeia, para satisfazer as nossas exigências e responder às nossas necessidades?

Se tiver essas convicções, você faz parte do problema. Então como você irá participar da sua solução? Agora é necessário dar o passo seguinte: pensar de maneira nova.

O novo pensar não é nem utópico nem sem precedentes. Do lado social e criativo, fenômenos emergem: milhões de pessoas estão alterando a sua maneira de pensar e agir como parte de “culturas alternativas”. Compartilhamos de duas noções muito importantes: a primeira é que a velha frase: “Somos um”, é um pensamento que, distante de ser fantasista, está enraizado na realidade. Williams James tinha razão quando dizia que éramos como ilhas num oceano, separados na superfície, mas ligados uns aos outros nas profundidades. A segunda



tido totalmente diferente. Essa Fraternidade mundial deve reconduzir a humanidade inteira ao caminho correto. Essa Fraternidade terá de provir de uma ordem mundial totalmente

diferente da nossa, de um campo de vida completamente diferente do nosso. Ela deve trabalhar com forças totalmente diferentes de quaisquer possibilidades dialéticas humanas, pois todo nosso campo de vida está envenenado, desnaturado [...] Essa nova Fraternidade mundial deve certamente provir de nossa humanidade, a fim de manter uma ligação conosco com base no campo de vida libertador e para poder entrar em contato com os que estão praticamente perdidos e devem ser reencontrados.

Ora, essa Fraternidade da Rosacruz vivente existe! Ela mantém, neste exato momento e há muitos anos, um contato intenso com o espírito planetário, com as forças provenientes do centro de nossa terra, a fim de fazê-las ressoar no coro do corpo solar. Caso contrário, nossa terra e todos os seus habitantes já teriam, há muito, desaparecido. Foi dessa forma que o equilíbrio indispensável foi mantido, mas em verdade, de modo completamente anormal.

Texto de J. van Rijckenborgh da *Conferência de Aquarius* de 1964.

noção refere-se à nossa responsabilidade. Estamos todos unidos uns com os outros e com a natureza, não somos unicamente responsáveis por nós mesmos, nossa família, nosso país ou nosso trabalho. As nossas responsabilidades estendem-se à inteira sociedade humana e à biosfera. A vida não é uma instituição beneficente. Se somos parte da humanidade e a humanidade faz parte da vida sobre o planeta, então o que fazemos a outrem e à natureza fazemos também a nós mesmos.

Se somos capazes de renunciar às nossas convicções obsoletas, baseando-nos em um novo pensar, nossa consciência muda, ao mesmo tempo em que nós mesmos também mudamos. Essa metamorfose, nesta época crítica e instável, pode ser comparada com a pequena borboleta que faz nascer uma tempestade, a qual, enquanto se propaga, muda o mundo.

EM QUE MOMENTO MUDAR? Quando dizemos que é uma gota que faz o vaso transbordar, estamos exprimindo um princípio fundamental geralmente ignorado. É o princípio da “não-linearidade”. Podemos fazer escorrer água num recipiente até que a última gota o faça transbordar. Isso acontece muito de repente. Esse processo é contínuo, sem interrupção, “linear”, mas abruptamente torna-se “não-linear”.

Aí está o que se passa na natureza. Pode ocorrer de repente uma mudança no ambiente que afeta os seres vivos de certa espécie. Se as mudanças acumulam-se, a tensão atinge um ponto crítico, e a espécie morre, a menos que haja mutação. Nos sistemas relativamente simples, pontos críticos sucessivos levam ao desmoronamento ou à desintegração. Nos sistemas complexos, esses pontos críticos são por vezes bruscos momentos decisivos: então, ou o sistema sucumbe, ou resiste e supera as dificuldades.

Em 1989, um grupo de refugiados da Alemanha Oriental obteve a permissão de atravessar a Cortina de Ferro para ir à Áustria. Isso suscitou um pequeno choque, mas tão crítico que abalou o sistema. Foi a gota que fez o vaso transbordar. Em algumas semanas, os países comunistas da Europa do Leste separaram-se da União Soviética, que, em menos de um ano, deixou de existir. O partido soviético, na época o mais forte partido do mundo, perdeu não somente a sua potência, mas também a existência; e os estados que constituíam a União Soviética, após um período caótico em que pareciam desmoronar, ficaram em condição de transformar-se em sociedades ligeiramente mais abertas.

Nos últimos dez mil anos, houve momentos críticos em que muitas sociedades e civilizações inteiras que haviam atingido seu apogeu desapareceram. Eis alguns exemplos: Babilônia, Suméria, Ilha de Páscoa e a civilização dos maias. Mas outros souberam vencer o desafio, transformaram-se e sobreviveram. De acordo com a história, parece que essas metamorfoses foram freqüentemente radicais.

As populações da Idade da Pedra viviam num mundo mítico; comunicavam-se com as árvores, os animais e os espíritos dos antepassados. Os seres

A borboleta de Lorenz

No fim dos anos 60, o meteorologista Edward Lorenz fez experiências com base em modelos informáticos para a previsão do tempo. Foram coletados dados da atmosfera como a pressão, a temperatura, a orientação do vento.

Ele preparava-se para conhecer os resultados do programa quando percebeu que, após ter arredondado alguns números, uma minúscula diferença nos valores que havia acrescentado tinha conseqüências enormes no resultado final. Essa dependência muito sensível das condições iniciais é conhecida sob o nome de “efeito borboleta”: se uma borboleta na costa da Europa agitasse apenas uma vez as suas pequenas asas, essa mínima turbulência da atmosfera poderia provocar, alguns dias mais tarde, um enorme furacão nos mares do Caribe. Essa é a razão pela qual é tão difícil prever o tempo com quatro ou cinco dias de antecedência. E, se ocorre um furacão em algum lugar, é impossível descobrir, retrospectivamente, qual minúscula borboleta, do outro lado do oceano, é a responsável.

Fonte : www.bijlmakers.com

consideravam-se como que parte misteriosa de um cosmo vivo e cheio de significados. Nessa época, o mundo transformou-se, e surgiram culturas teocráticas: no Egito, na Babilônia, na China e na Índia. As leis imutáveis dos deuses celestes governavam a existência humana. Hermes Trismegisto para isso afirmou: “Assim como é em cima, assim é embaixo”. Então, há dois mil e quinhentos anos, apareceu, na orla norte do Mar Mediterrâneo, toda uma nova civilização, onde a razão tomou o lugar das crenças que havia herdado: foi a civilização da Grécia clássica.

A civilização ocidental gerou, na aurora dos tempos modernos, uma nova mutação cultural. Essa nova cultura retomou elementos anteriores, mas edificou-

se principalmente sobre a fé dos gregos na força da razão. Apoiada pelas observações e teorias de Galileu, de Newton e de Copérnico, desenvolveu-se uma concepção materialista e mecanicista do mundo. A física clássica de Newton uniu-se às práticas artesanais tradicionais, dando nascimento a uma longa série de técnicas revolucionárias.

Hoje, no entanto, no século das informações, das comunicações, da dependência mútua e da deterioração mundial do ambiente, essa concepção mecanicista e materialista está ultrapassada e atua de maneira muito negativa. A Ciência já abandonou essa concepção, não obstante as tecnologias que dela resultaram e as atitudes que ditaram continuam prejudicando o ambiente e os seres humanos. Muitas





Uma transformação do mundo e de seus habitantes é possível!

tecnologias produzem mais calor que luz e geram mais prejuízos do que vantagens.

A cultura que predomina no mundo de hoje não pode durar mais tempo. Se não quiser perecer, ela tem de transformar-se. A busca do “salto quântico” nas relações humanas corresponde à busca de uma cultura que tenha a capacidade de fazer viver dignamente seis bilhões e meio de pessoas, em harmonia mútua e com a natureza. Essa transformação do mundo é possível! Possuímos a inteligência, a tecno-

logia, os recursos humanos e financeiros necessários. O que nos falta é a vontade e a compreensão. Precisamos mudar nossa consciência mediante uma nova orientação de nossa vontade e de nossa compreensão. Com uma consciência clara e aberta podemos mudar nossos valores e prioridades atuais, nós mesmos e, por fim, o mundo.

A transformação do mundo é absolutamente obrigatória, e resta pouco tempo para fazê-la. Os processos e tendências que nos arrastam a um momento

crítico aceleram-se. As previsões têm várias vezes antecipado a data desse momento decisivo, fazendo-a passar do fim para o meio deste século e, agora, para os próximos dez anos.

É assim que o ponto crítico mundial, diz-se, deve chegar no final de 2012. Essa é a data em que está previsto o momento decisivo que a humanidade deve considerar para sobreviver neste planeta. É certo que isso irá acontecer enquanto muitos de nós ainda estiverem vivos. Seja lá como for, devemos agir agora para assegurar-nos que ele não seja o prelúdio de uma destruição e sim o início de um mundo pacífico e duradouro ✪



Em uma entrevista, Erwin László falou da Rosacruz Áurea como de uma das mais importantes organizações espirituais desta época, devido a seu incessante ardor por afirmar que a humanidade se encontra diante de uma mudança de consciência decisiva: “Outro ponto importante é a redescoberta de antigas concepções espirituais, fundamentadas no Espírito, seja qual for o pano de fundo. E o ponto de partida fundamental de todos esses conceitos espirituais de milhões de anos é: fazemos parte de uma unidade global, de uma única e grandiosa comunidade. É indiferente se lhe damos o nome de Gaia ou Mãe-Terra, pois trata-se sempre de uma *unidade cósmica*. E a descoberta importante é que essa unidade cósmica é apenas uma imagem: no nível quântico, portanto num plano muito sutil, estamos ligados uns com os outros, temos grande influência uns sobre os outros”.



Ervin László

O senhor assinala, em vários trechos da sua obra, a profusão cada vez maior de informações e as ligações que diferentes disciplinas têm entre si, o que faz que uma transformação da consciência seja necessária e decisiva para a orientação da humanidade como um todo. De acordo com certos pontos de vista, não é apenas nossa mãe Gaia, a terra, a causa da nossa situação, mas também as estrelas e o cosmos. Muitos sábios e mestres antigos, assim como os rosacruzes do século XVII, disseram que as radiações cósmicas aumentariam de intensidade, o que obrigaria a humanidade a reagir, causando grandes mudanças e modificando a consciência humana totalmente. O senhor concorda com esse ponto de vista? O senhor acredita que estamos evoluindo para nos tornarmos seres cósmicos conscientes de muito mais coisas do que a lei da sobrevivência do mais forte?

Acredito que essa modificação é necessária. A evolução da consciência não é somente uma possibilidade ou uma opção, ela tornou-se obrigatória a fim de assegurar nossa sobrevivência. A consciência

humana atual vai provocar o fim deste mundo. Ela criou uma situação mundial catastrófica. É uma consciência fragmentária, egocêntrica, nacionalista, orientada para o Ocidente e para a Europa em particular e que nada tem de planetária. Ela não possui ética e é incapaz de assegurar a vida de seis bilhões e meio de seres humanos.

Portanto, sua evolução e sua mudança são obrigatórias. Acredito ver uma aceleração produzir-se nessa área, pois cada vez mais novos valores culturais emergem. Cada vez mais pessoas se dão conta de sua responsabilidade, da idéia de preservar o mundo e a humanidade, e do fato de que todos os seres humanos estão interligados.

Há quem diga que essa aceleração é provocada pelas energias de alta frequência que agem na terra sob a forma de influências extraterrestres. Penso que isso seja possível, mas não temos provas científicas a respeito. O que se pode afirmar é que aparecem cada vez mais novas formas de sociedade, o que é bom para o futuro, pois sem nova consciência não pode haver nova sociedade, e sem uma nova forma de sociedade não poderemos sobreviver nesta terra.

Podemos medir essas radiações de forma científica? Podemos medir essas influências exercidas sobre o planeta? De várias fontes ouvimos dizer que a frequência vibratória da radiação fundamental do planeta aumentou devido às radiações cósmicas primordiais, ou ao aumento das radiações do sol.

O que podemos medir em nível material diz respeito basicamente às flutuações dos campos eletromagnéticos, e estes dependem da atividade do sistema solar, particularmente do sol. Podemos medir isso, e fica claro que no final de 2012 essa atividade atingirá um ápice e provocará um deslocamento da polarização magnética da terra. Sabemos disso. Isso é importante, porém mais importante ainda são as informações que o cérebro pode apreender. Nossos instrumentos não são tão sensíveis quanto nosso cérebro e nosso sistema nervoso, e há muitas percepções que o nosso cérebro registra que nossos instrumentos mais sensíveis não são capazes de captar. Primeiro esses instrumentos deveriam poder registrar informações de forma interativa. Quando medimos a propriedade de um objeto, interagimos com a energia desse objeto. Porém, as energias demasiado sutis não transmitem informação suficiente no plano material. O que o cérebro é capaz de perceber em alguma parte da nossa consciência não é uma informação energética passiva, tal como a percepção de algo físico e concreto. Qualificamos o que ele percebe de informação *ativa*. Foi David Bohm (1917-1992) quem fez essa descoberta. O “eu quero” representa uma energia sutil, mas não é algo que podemos medir fisicamente de maneira normal. No entanto, continua sendo uma realidade, que aparece em nível quântico, não-local. Ela é interativa e comunicativa no nível da consciência humana.

Essa informação seria o mais importante fator na questão da mudança de consciência?

Ela dá à consciência a possibilidade de mudar. É bom nos perguntarmos se a consciência pode evoluir baseada em si mesma. Com certeza ela evolui quando recebe um estímulo. Sob esse ponto de vista, esse estímulo aparece hoje na forma de uma

ameaça cada vez maior, e essa ameaça pesa muito na nossa consciência. Se tudo estivesse bem em nosso mundo, não haveria necessidade de mudança. O ser humano abre-se nesse momento cada vez mais às possibilidades alternativas.

O senhor foi um bom pianista e ainda é. Se considerarmos a quantidade impressionante de suas publicações, somos forçados a concluir que o senhor se dedicou intelectualmente de forma intensa sobre as condições da existência humana. Se estudarmos os escritos e legados do ensinamento universal de toda a humanidade, vemos, muitas vezes, que eles falam de uma nova ligação, de uma unidade harmoniosa entre a cabeça e o coração. O coração é sem dúvida o órgão mais sensível às novas vibrações cósmicas superiores. Sua abordagem não exclui dessa mudança o homem que não tem inclinação científica? O senhor considera, nesse contexto, a tarefa das atividades internas do coração? Devo ser fiel à natureza da nossa sociedade e à maneira como percebemos a informação. Penso que uma grande parcela de informações não chega até nós simplesmente porque passa pelo filtro de uma mentalidade ocidental e materialista condicionada pela pesquisa experimental. Não se deve ter um espírito tão científico. Pensar de uma forma científica estreita, racionalista, é mais grave do que se possa imaginar, pois já não temos a capacidade de ser receptivos às informações provenientes de outras origens. Se você diz que o que elas relatam não pode existir, você bloqueia essas informações e já não pode percebê-las. Em termos gerais podemos dizer que acreditamos no que percebemos. No fundo o que é preciso não é considerar as coisas de forma científica, mas ser sensível às nossas intuições, à coesão subjacente das coisas e à ligação natural entre todos nós, assim como à biosfera e ao cosmo. É por isso que eu penso que a racionalidade mal aplicada é mais perigosa do que tudo!

O senhor abordou um assunto interessante, a ligação natural entre todos, a solidariedade. O



S. P. Semenovitch, *Pièrre sur un champ* (La moisson de l'été, 1950-60).

senhor fala sobre isso no seu livro *Ciência e o campo do Akasha: Uma teoria integral de tudo*, e em outro sobre os sistemas termodinâmicos abertos que evoluem. O senhor diz também que as opiniões dos homens são combinações extremamente desenvolvidas de sistemas. Nosso fundador, Jan van Rijckenborgh, insiste sempre na unidade de grupo e na necessidade de desenvolver um sistema muito diferente que não considera a consciência individual com todas as suas limitações. Ele afirma que a etapa do próximo período é aquela em que o homem deve trabalhar e viver em unidade de grupo. O senhor já refletiu alguma vez sobre esse aspecto? Os seres humanos estão sempre pressionados a atingir objetivos que ultrapassam seus modelos egocêntricos. Nunca fomos indivíduos realmente egocêntricos, a não ser Robinson Crusóé. Fazemos

sempre parte de uma sociedade, seja ela qual for. Ao longo da nossa história ocidental o sentimento de comunidade foi sempre mais forte do que nos últimos duzentos anos. Aliás, um “eu” se desenvolveu, uma personalidade, cada vez mais individualista. A personalidade, a individualidade do ocidental, aumentou muito na sociedade. Porém, tanto indivíduos como grupos que reconhecem e assumem suas responsabilidades são necessários. Um célebre escritor disse: “O homem, como todas as coisas, forma um todo enquanto sistema organizado, mas é ao mesmo tempo parte de um todo maior”. No momento presente devemos integrar-nos numa comunidade, pois nossa comunidade muda. Não somos somente uma família, uma tribo, uma cidade ou uma nação; vivemos em contato com cada vez mais gente, formando uma comunidade global. As trocas de informações em nível mundial pelos

meios de comunicação modernos exercem grande papel nisso tudo. Nossa sociedade tornou-se pouco a pouco mundial. O problema é que ainda reagimos com uma consciência tribal, muitas vezes de tendência totalmente chauvinista. Em se tratando de uma cidade, de uma etnia ou de um país, baseamo-nos no princípio de que “fazemos parte” e que são “os outros” que ocupam o resto do mundo. Agora isso já não é possível, porque tudo o que fazemos se volta contra nós, o que fazemos aos outros fazemos a nós mesmos. Para que vivamos numa comunidade como a sociedade mundial, devemos desenvolver uma espécie de unanimidade. Essa aldeia global nos diz respeito porque é a comunidade de todos os seres humanos, a comunidade de todos os que vivem nesta terra! E, até certo ponto, é uma comunidade que conhecemos muito pouco: a unidade de toda a vida no grande universo. Ela existe, mas não possuímos informações detalhadas a esse respeito.

Se fizermos a escolha certa, o senhor enxerga a possibilidade de uma evolução levando a consciência individual a uma consciência planetária, e talvez mais longe, a uma consciência cósmica?

Se conseguirmos sobreviver, sim! Mas não é uma evolução ou um desenvolvimento automático. Não, para essa evolução não existe garantia!

Seria uma questão de escolha que temos de fazer?

Na qualidade de homens conscientes temos o poder de julgar nossas possibilidades e fazer escolhas deliberadas. Portanto, podemos deixar de exercer uma racionalidade muito estreita fundamentada em nosso mental intrincado. Devemos adquirir uma racionalidade holística pensando na coesão de tudo no universo, no sistema vital inteiro onde existimos. O universo é uma totalidade viva que evolui sem cessar. É um todo coerente do qual fazemos parte, mas se não o compreendemos, acontece então uma ruptura entre ele e nós, o que é muito perigoso para nós! E para o próprio planeta!

O senhor já estuda esse tema há mais de dez ou vinte anos.

Na verdade já são quarenta e cinco anos. Meu primeiro livro foi publicado em Haia em 1953.

Após todo esse tempo, considerando-se que estamos nos aproximando rápido de uma situação presumidamente caótica, o senhor continua otimista em relação à mudança de consciência? Porque como ela deve acontecer ainda é uma questão aberta.

Tenho esperança. Não sou nem otimista nem pessimista, tento continuar sendo um ativista. Ou melhor, procuro ater-me à palavra “possibilidade”. O slogan que acompanha as eleições presidenciais nos Estados Unidos resume o meu ponto de vista: “Podemos chegar lá!”

E é por isso que este congresso acontece aqui, hoje.

Ele está voltado para o individual, o “fator humano”. O dinheiro e a política são coisas importantes assim como a tecnologia e o poder, mas os valores individuais são a chave do negócio. Ainda é o que há de mais importante: pois a tecnologia e a políti-

Ervin László ensinou Filosofia, Teoria de Sistemas e Futurologia em Yale e Princeton. Foi diretor do programa do Instituto de Formação e Pesquisa das Nações Unidas (UNITAR), fundou e preside o *Clube de Budapeste*, onde artistas, cientistas e pensadores de ponta dedicam-se a um mundo melhor. Entre os membros do grupo estão o Dalai Lama, Václav Havel, Mikhail Gorbachov e Desmond Tutu.

David Bohm, 1917-1992, baseava-se no princípio de que a matriz ou o plano universal – seu espírito primordial – estava presente desde que o mundo surgiu. O desdobramento do universo e toda a evolução que se seguiu representam um processo de reações interativas baseado numa informação ativa. A visão de Bohm se espelha também na sociedade e na transformação da consciência humana.

Progressivamente constituímos uma sociedade mundial, mas nossas reações continuam de uma agressividade tribal

ca seguirão o fator humano sempre, é obrigatório. Einstein disse um dia: “Não podemos resolver problemas com o mesmo tipo de pensamento que deu origem a eles”. Pode-se aplicar as melhores tecnologias, no entanto se você permanece preso às suas antigas formas de pensar, apenas conserva a antiga cultura e o sistema ultrapassado, e não muda nada.

Como o senhor enxerga atualmente o ano de 2008? Estamos caminhando para a massa crítica que desencadeará a grande mudança?

Já nos encontramos em uma “janela caótica”, uma janela, uma abertura no tempo. Acredito conseqüentemente que todas as escolhas críticas são possíveis. Devemos tornar-nos sobretudo mais conscientes da mudança climática e do aquecimento da terra. É o que está mais visível atualmente. No entanto, falta resolver também os problemas concernentes às necessidades de alimentação e água, ao aumento das doenças, à superpopulação nas cidades e à pobreza. A mudança climática, pelo menos, já tem atraído amplamente a atenção da mídia.

E o senhor percebe alguma mudança?

É preciso ter consciência de que, do jeito que está, o mundo não pode sobreviver. E é importante compreender que o tempo de que dispomos é mais curto do que pensamos. É bem capaz que em dez anos possam acontecer mudanças essenciais; é mesmo possível que até o final de 2012 tenhamos mudado em relação ao uso da água, do ar, do solo etc.

Ao longo desses quarenta e cinco anos, o senhor verificou uma mudança no público em

relação à sua inquietude sobre a questão da terra?

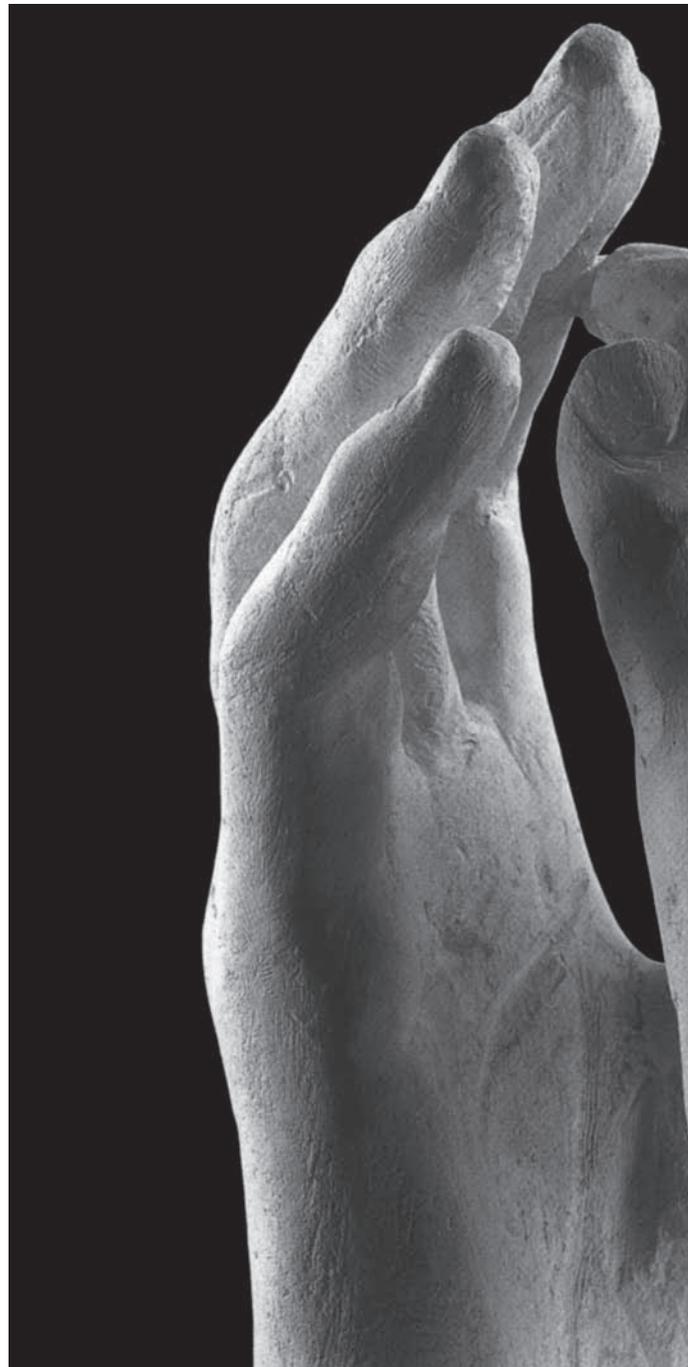
Com certeza ele se tornou mais consciente dos problemas do planeta. No sentido do primeiro impulso, que aconteceu em 1972 com o primeiro relatório do Clube de Roma. Ninguém falou dos problemas planetários, apenas se falou da liberdade, da política, da justiça econômica e outras questões do gênero. Os problemas da humanidade não foram abordados. Eles surgiram nesses dois últimos anos e foram colocados seriamente em evidência. Em relação a eles, podemos falar de uma progressão exponencial da consciência! ✪

* O campo A é o campo do Akasha, o campo sutil da “informação no nível quântico”, capaz de mudar as consciências. Cf. Ervin László, *O campo do Akasha, memória do cosmo e da consciência*, Deventer, 2007.

unidade

Os gnósticos dos primeiros séculos tentaram compreender esse mistério, que é bem mais antigo que a própria humanidade, na criação, em si mesmos e na sabedoria primordial egípcia. Aliás, a pergunta já encerra em si o fato de que o imperfeito surgiu do perfeito. Os gnósticos, pensadores sutis, bem sabiam que ninguém encontra a resposta a essa pergunta com a cabeça e a razão. A razão é bem posterior ao processo de criação no pleroma. Trata-se de um ponto que faz apelo a uma sabedoria que transcende em muito o pensamento dual. A essa imensa sabedoria interior esses pensadores deram o nome de Gnose. Ela desenvolve-se no homem quando em sua consciência se reflete a profundidade da origem divina. Quem se voltar para ela receberá uma resposta – primeiro sob a forma de impulsos indefiníveis, intuições ou visões fugidias que às vezes chegam com mais clareza. No final das contas, se nos orientarmos interiormente para o Espírito, se penetrarmos suas profundezas insondáveis, a Gnose, o “conhecimento do coração”, nos acolherá, nos envolverá e “saberemos”, “conheceremos como somos conhecidos”. E isso é a libertação, o segredo da Gnose. O mundo do pleroma torna-se, então, uma realidade viva; o homem de luz, o Adão Cadmon, nos admite e nós “ressuscitamos nele”.

Auguste Rodin. O Segredo. Duas mãos se juntam em total liberdade e parecem dançar uma para a outra (1907).



e dualidade

Como explicar que o perfeito, o pleroma, tenha dado origem ao que é imperfeito? Aí está uma pergunta que é tão velha quanto o mundo.



Nos textos de Nag Hammadi, encontramos traços desses impulsos e dessas experiências. Não são exposições doutrinárias: se alguém achasse isso, eles continuariam sendo ininteligíveis. São tentativas de nos dar algumas visões, para trazer-nos esclarecimentos e indicar o caminho a ser percorrido: um caminho realmente impossível de ser descrito. Originalmente, essas visões eram transmitidas unicamente por via oral. A imagem interior penetrava a alma dos jovens que eram receptivos a ela por meio de uma relação interna entre mestre e discípulos. Era por transmissão que a visão captava o discípulo, e era assim que as forças construtivas agiam em todo o seu ser.

Os grandes mestres gnósticos descreviam a evolução do pleroma, que acontecera há muito tempo, antes das narrativas bíblicas sobre a criação. Trata-se de acontecimentos que se passaram nas esferas divinas espirituais, que transcendem qualquer forma. Graças a uma reflexão profunda acompanhada de intuições, aprofundando-se no assunto com o pensamento criador, ou melhor, deixando novamente que o Espírito criador pensasse em seu interior, eles recebiam a capacidade de extrair os princípios que fundamentaram a criação.

REPOUSO E MOVIMENTO: OS DOIS PRINCÍPIOS PRIMORDIAIS A fonte original, desconhecida, insondável e sem nome contém os dois princípios de tudo o que existe: o repouso e o movimento. Jesus diz a seus discípulos: “Se

No processo da criação que os coloca face a face, sua unidade imanente os envolve, os apanha...

alguém perguntar qual é o sinal de vosso Pai que está em vosso imo, dizei que é ao mesmo tempo repouso e movimento”.¹ Essas são as duas colunas sobre as quais repousa a criação. Elas são o vazio e a plenitude, o nada e o tudo. É do repouso que procede a mais elevada emanção. Ela se parece com uma expiração, uma força “vertical” no interior da unidade. Falamos então do caráter masculino da divindade: Deus-Pai. O movimento contém um segundo pólo: uma força receptiva. O alento que é exalado, o *pneuma*, é captado por uma força formadora “horizontal” que exprime o aspecto feminino e eterno de Deus: Deus-Mãe. Os gnósticos falam da Sophia, ou da Barbelo, que é a “força do Universo que vai se demonstrar”.² O princípio espiritual original da matéria, a força da Mãe, a atividade espiritual superior, a atividade do começo de tudo, que designa o Pai-Mãe divino: o movimento que existe no interior do repouso, a dualidade que se revela na unidade.

“A Barbelo olhou com insistência para o Pai, a Luz pura, voltou-se para ele e concebeu uma centelha radiante. Esse recém-nascido, surgido diante do Pai, era o Unigênito divino, a primeira centelha do Universo, nascido do Espírito da Luz pura.”³

Em um texto de Nag Hammadi, lemos: “Antes do universo ilimitado, o primeiro a manifestar-se foi o Pai, que se criou a si mesmo, constituiu-se a si mesmo, preenchido por cintilante e indizível luz. No início da luz ele decidiu assumir uma imagem de grande poder.

Imediatamente essa luz se manifestou como um homem andrógino imortal. Seu nome masculino é ‘Consciência Perfeita Desperta’. E seu nome feminino, ‘Sophia Geradora Onisciente’”.⁴ Essa visão do homem espiritual primordial também encontramos na Cabala judia sob o nome de Adão Cadmon. Trata-se do homem espiritual supremo, o homem de luz único, a contrapartida do ser humano atual. Este último, como ser humano natural, dividiu-se, fragmentou-se infinitamente em uma imensidade de universos e já não passa de um nada. Como ser espiritual primordial ele continua na unidade divina e contém em si todos os universos, que são como que seu corpo.

O homem primordial gerou inúmeros seres divinos, que os gnósticos chamam de “éons”, ou eternidades. Eles assemelham-se a campos de força luminosos, a esferas ilimitadas. Seus nomes são, por exemplo: verdade, vida eterna, sabedoria, providência, vontade, comunidade, paz, imutabilidade, inteligência, percepção. Em nosso mundo essas palavras não passam de conceitos abstratos, mas no pleroma são entidades vivas. Podemos definir assim: sons primordiais, vibrações, números, raios luminosos, vibrações de amor... Em sua totalidade eles constituem a plenitude do mundo divino.

E O PLEROMA TRANSBORDOU O reino da perfeição completou-se quando fez surgir também as trevas. O escuro, o distante de Deus, faz parte dos segredos da criação. O tornar-se consciente

intencionado não é possível sem as trevas. A plenitude da luz apenas se revela quando existe um estado que não lhe corresponde,⁵ quando há obstáculos a serem vencidos, a fim de que a plenitude seja vivenciada. Assim, o pleroma lança uma sombra e tem um “lado exterior”, uma escuridão, que é tão insondável quanto a luz.

Como é possível que uma ordem mundial se forme dentro da escuridão? Como o nosso mundo surgiu? É nossa imperfeição um efeito colateral inevitável do pleroma? Como pôde surgir uma consciência racional que confunde trevas com luz? A explicação disso está na pressuposição de que no decorrer da criação se produziu uma perturbação: uma ruptura da colaboração harmoniosa entre as forças cósmicas masculinas e femininas. Mas qual foi a causa, o princípio disso? Na seqüência das criações surgiu um éon cuja consciência não possuía a pureza original. Os gnósticos chamaram-no de “pequena Sophia” ou Sophia inferior. Ela criou uma forma sem a cooperação de uma corrente cósmica masculina:

“Entretanto, nossa irmã, a Sophia, o décimo segundo éon, começou a desenvolver um pensamento por si mesma. Assim como o Espírito e o conhecimento primordial, ela quis criar por si sua imagem, embora sem o consentimento do Espírito, que não concordara com ela. Seu consorte, o Espírito masculino, também não consentira. Ao proceder assim, não encontrou apoio nem complacência da parte do Espírito e

dos que estavam em uníssono com ele.

Como ela já não pudesse anular seu pensamento, sua obra tornou-se evidente: era imperfeita e feia, porque ela a criara sem seu companheiro.”⁶ Foi assim que se fundou nosso mundo imperfeito. Da “pequena Sophia” afluíu uma imagem. Poderíamos dizer que a corrente de amor da luz saiu dos limites do pleroma, que o pleroma transbordou, que o aspecto feminino, que é a matéria espiritual, jorrou nas trevas de sombras impenetráveis. Encontramos uma imagem comparável a essa no Evangelho de Tomé: “O reino do Pai é como uma mulher que trazia um vaso cheio de farinha. Ela havia percorrido um longo caminho, e o vaso se trincou, e a farinha foi escorrendo atrás dela, e ela nem percebeu... Quando chegou à sua casa, colocou o vaso no chão e viu que estava vazio.”⁷

Essa emanção da “pequena Sophia” aconteceu sem a orientação do aspecto masculino, que dá a direção, a estrutura e está voltado para a unidade. Esse fato prejudicou o princípio fundamental da produção e da geração do pleroma. Produzindo uma imagem que era o reflexo de si mesmo, o aspecto feminino substituiu o aspecto masculino divino. Na Epístola de Pedro a Filipe, lemos que é então que surge a arrogância (Authades). A “pequena Sophia” ainda não possuía o conhecimento perfeito, a Gnose, que estava guardada para ela na esfera mais elevada. Assim, ela continuou inconscientemente sua atividade formadora, sem reconhecer a separação. Por isso, ela perdeu toda a sua força.



A flauta mágica de Mozart, representação moderna de Riccardo Muti e Pierre Audi com Anna-Kristiina Kaapola como a Rainha da Noite (Festival de Salzbourg, Hans Jörg Michel).

Nisso reside também a origem do egocentrismo, que continua a agir inevitavelmente em nosso mundo.

NASCIMENTO DO MUNDO CRIADO PELO DEMIURGO Não havia lugar no pleroma para a criação imperfeita da “pequena Sophia”. Assim, uma poderosa criatura surgiu do mundo das trevas: Ialdabaoth (Jeová). Por causa do transbordamento da força de luz, ele tornou-se o deus criador de nosso mundo. Ele criou uma grande hierarquia de anjos, de poderes e de potestades, nas quais, como nele mesmo, se misturavam luz e trevas. Em certos textos de Nag Hammadi é enfatizado que a vontade da divindade suprema os englobava a todos, pois apenas mediante a imperfeição “sua inconcebível bondade poderia manifestar-se”.⁸ “Mas é pela vontade do Pai do Universo que eles vieram a ser assim, à imagem das coisas do alto, a fim de que o caos chegasse à sua totalidade.”⁹

O movimento primordial supremo da divindade contém em si o chamado para subir e voltar ao Pai. Esse chamado propagou-se até a mais profunda das profundezas tenebrosas. Quando Ialdabaoth declarou: “Se há alguém antes de mim, que ele se revele a fim de que possamos ver sua luz”, nesse momento, o “primeiro homem”, o filho divino, desceu como um relâmpago de luz nas trevas. Sua imagem brilhou de repente sobre as ondas do Caos. E é segundo a imagem desse “Adão de luz” que Ialdabaoth e seus poderes criaram a figura do homem terrestre. Sua forma e sua alma pertencem ao mundo do demiurgo, mas o que está no mais recôndito de seu ser provém do pleroma: nele vive um elemento de luz do homem primordial. A “pequena Sophia”, assim é dito, insuflou na forma terrestre o alento espiritual do pleroma.¹⁰ A descida do Logos nas trevas assim como o alento do Espírito transmitido ao homem terrestre nos indicam que uma parte da onda

Incluído na Unidade divina, o homem de luz é a expressão do universo inteiro.

de vida humana original mergulhou nos corpos terrestres. Em primeiro lugar surgiu o Adão terrestre naquilo que chamamos de “estado paradisíaco”: ele era um andrógino. Depois, logo que a materialização progrediu, houve a separação dos sexos. No plano material, isso foi a continuação do que havia se passado com a “pequena Sophia”.

Assim, a perturbação ocorrida na colaboração das duas correntes cósmicas masculina e feminina está na raiz de nosso mundo. E também está claro que a restauração dessa unidade é a salvação. Está escrito no Evangelho de Tomé: “[...] quando unificardes o macho e a fêmea de modo que o macho já não seja macho, e a fêmea já não seja fêmea... então entrareis no reino dos céus.”¹¹

DA DUALIDADE À UNIDADE Estas palavras de Novalis, que provêm da sabedoria antiga, são também formuladas por Mozart na *Flauta Mágica*: “Homem e mulher, mulher e homem se elevarão juntos até a divindade”. Qualquer pessoa que receba da Gnose a possibilidade de percorrer o caminho de libertação está preparada para vencer a “Rainha da Noite”, que é o aspecto feminino decaído: o mundo. Em nosso interior, do elemento de luz, pode nascer uma alma que unirá, em si, as duas correntes: a cabeça e o coração, Tamino e Pamina. Essa alma nasceu de outra mãe, que é a mãe sagrada, Ísis. É ela que celebra na alma as núpcias místicas, a união de Ísis com seu parceiro divino, Osíris. Nós, que parecemos

perdidos no grande universo da matéria, somos chamados para reconduzir a “pequena Sophia” à sua origem, à restauração da unidade entre a ‘Consciência Perfeita Desperta’ e a ‘Sophia Geradora Onisciente’. Podemos permitir que o homem primordial ressuscite em nós. Valentino, a quem é atribuída a autoria de *O evangelho da verdade*, teve a visão de uma criança recém-nascida. Ele perguntou: “Quem és?”, e a criança respondeu: “Sou o Logos.”¹² ✪

Fontes

- 1 *Evangelho de Tomé*, logion 50.
- 2 *O livro secreto de João*. Jarinu: Editora Rosacruz, 2006.
- 3 *Idem*.
- 4 Citação segundo Slavenburg, J., *Ein Schlüssel zur Gnosis (Uma chave para a Gnose)*, Birnbach: DRP Rosenkreuz Verlag, 2003.
- 5 *Idem*.
- 6 *O livro secreto de João*. Jarinu: Editora Rosacruz, 2006.
- 7 *Evangelho de Tomé*, logion 97.
- 8 *A Sophia de Jesus Cristo*.
- 9 *A essência dos arcontes*.
- 10 *Da origem do mundo*.
- 11 *Evangelho de Tomé*, logion 22.
- 12 Quispell, G., *Valentinus de gnosticus en zijn Evangelie de Waarheid (Valentino, o gnóstico, e seu Evangelho da Verdade)*, Amsterdã: Pelikaan, 2003.

uma dança criadora

O princípio fundamental da criação divina consiste em uma “dança” das correntes cósmicas masculinas e femininas, no curso da qual os dois princípios eternos primeiro se aproximam um do outro e se atraem mutuamente. Depois, em um movimento pleno de amor, dão espaço um ao outro, para, por fim, unirem-se e criar, mediante oferenda e abandono mútuos, algo de novo.



Os processos biológicos de criação seguem também o ritmo dessa dança, embora obedeam leis da natureza. Em nosso mundo limitado, o que damos com amor também é limitado, e dar espaço ao outro muitas vezes significa rejeitar o outro.

O processo de desenvolvimento interior da nova alma segue também esses ritmos primordiais, em seu próprio nível vibratório pleno de elevação e alegria. Aqui também observamos diferentes fases criadoras durante as quais, em razão da tensão entre os pólos masculino e feminino, o antigo dá lugar ao novo, porque é pela incessante união purificadora, ou “núpcias alquímicas”, dessas duas correntes que algo de novo pode efetivamente manifestar-se: o início de uma vida inteiramente nova em uma espiral superior.

A GÊNESE DO SER HUMANO Basta observar a forma como o óvulo e o espermatozóide são constituídos

para deduzir que o movimento mediante o qual se realiza o processo de criação biológica se assemelha a uma dança. O óvulo, visível a olho nu, tem o tamanho aproximado de um grão de areia. Ele é composto de grande quantidade de líquido celular, o citoplasma, e de um largo espaço aberto. Em geral, um óvulo é liberado a cada ovulação.

Por outro lado, os espermatozóides são produzidos aos milhões ao mesmo tempo, mas na proporção de sessenta milhões de espermatozóides para um óvulo. Eles são quase exclusivamente formados de um núcleo celular e de uma cauda que permanece em movimento constante, enquanto o óvulo é passivo, é ele que é movimentado. O encontro entre o óvulo e o espermatozóide acontece na trompa de Falópio.

Os materiais bioquímicos tanto do óvulo quanto da trompa de Falópio conduzem os espermatozóides de modo bioquímico-magnético na direção



correta. A atividade do óvulo torna-se visível na *corona radiata* (coroa radiada) dentro das células nutritivas que envolvem o óvulo. Os espermatozoides que estão em volta do óvulo transformam-se sob a influência dessas células nutritivas perdendo sua camada exterior.

A camada exterior do óvulo também muda bioquimicamente na presença dos espermatozoides que se movimentam formando uma estrela em torno do óvulo. Uma dança de várias horas começa: cerco, recuo, atração, rejeição... Até o momento da escolha do espermatozóide que terá acesso ao óvulo. O espermatozóide e o óvulo abandonam suas características próprias e tornam-se uma nova unidade. A antiga imagem do espermatozóide penetrando o óvulo para realizar a fusão dos núcleos é então, inexata, porque trata-se muito mais de uma dança que é realizada em conjunto durante a qual as características celulares feminina ou masculina

são, digamos, abandonadas, a fim de formarem, mediante uma fusão, uma nova unidade. É assim que literalmente se inicia a reencarnação: um microcosmo faz-se carne outra vez.

A INFLUÊNCIA DOS HORMÔNIOS A aparição, por divisão celular constante, do âmnio, do cordão umbilical e da placenta é literalmente miraculosa, assim como a aparição do embrião, depois de alguns dias, para a formação de um cotilédone graças aos processos de invaginações.

Então, quando o ser humano nasce, sua energia anímica volta-se para o exterior: ele “exprime” seu ser. Acontece o inverso com o embrião, que, em certo sentido, “imprime” seu ser. Assim cresce a forma.

É durante a quinta semana aproximadamente que começa a formação das glândulas genitais, que, no início, são idênticas. Somente na oitava semana, sob



Matisse. Polinésia, o céu, 1954.

a influência do hormônio masculino chamado testosterona, é que os órgãos genitais se desenvolvem em direção ao exterior, determinando o aparecimento das características masculinas. Se essa influência hormonal não acontece, são os órgãos genitais internos que se desenvolvem. As características femininas se desenvolvem, então, sem uma influência hormonal específica. No início, os órgãos genitais externos se formam do mesmo modo nos dois sexos. Sua diferenciação tem início a partir do segundo mês.

Fato interessante é que os chamados hormônios sexuais (andrógenos e estrógenos) se encontram tanto no organismo masculino como no feminino. Até a idade de oito ou nove anos, a taxa de andrógeno e estrógeno fica estável em um nível mais baixo. Depois, a hipófise começa a secretar hormônios ativando os processos de transformação. Os órgãos genitais externos se formam progressivamente no decurso de muitos anos, sob a influência de ativi-

dades hormonais: os espermatozóides e os óvulos amadurecem, e o ser humano adquire a faculdade de procriar.

A PERIODICIDADE DOS SETE ANOS Durante os sete primeiros anos de sua vida, o espírito central da jovem criança constrói o corpo físico. É nessa fase que ouvimos dizer: “Ah, como essa criança cresceu!” O desenvolvimento acontece de repente, e a cada estado a criança aprende algo de novo. O corpo vital da criança não pode ainda tomar conta de seu corpo físico, razão pela qual ela depende do meio cheio de afeição dos pais e dos que cuidam dela.

Enquanto seu próprio corpo etérico não está suficientemente desenvolvido, a criança vive principalmente do campo etérico das pessoas que a cercam. Nós sabemos que o corpo etérico masculino é polarizado positivamente, os músculos são mais desenvolvidos e capazes de esforços físicos dinâmicos. O

corpo físico feminino é polarizado negativamente, isso significa que as forças são concentradas para poder dar à luz uma nova vida. É durante os três primeiros anos de vida de uma criança que aparecem as conexões básicas decisivas no cérebro. O fundamento do futuro poder mental se estabelece. O corpo etérico, que dá o calor vital e o poder de perpetuar a espécie, gera forças vitais em abundância. Essas, após atravessar o corpo físico, irradiam em todas as direções como raios que partem do centro de um círculo em direção à sua circunferência. O corpo etérico atinge a maturidade entre o sétimo e o décimo quarto ano aproximadamente.

Durante esse segundo período de sete anos, as forças vitais já não são absolutamente necessárias para “coordenar” as funções autônomas do corpo físico. Progressivamente, a criança desprende-se da proteção familiar e conquista um meio social mais amplo. Durante esse período, é o fundamento do futuro poder de sentir que se estabelece. O corpo vital da jovem começa a exprimir seu pólo positivo, dinâmico, enquanto o corpo vital do jovem será negativo, portanto receptivo.

OS IDEAIS DA ADOLESCÊNCIA A partir do décimo quarto ano, aproximadamente, se forma o corpo emocional, ou corpo de desejos. Por influência desse novo corpo os jovens experimentam uma importante fase de transformações físicas e psíquicas conhecida como adolescência. As alterações comportamentais são incalculáveis, mas algumas se manifestam pelos valores fundamentais e indelévels que representam, como a busca dos ideais pelos quais eles podem orientar sua vida e pelo

surgimento de uma elevada idéia do amor. Impulsionados pela atividade dos hormônios, os desejos sexuais relativos ao outro se revelam, sobretudo no rapaz, cujo corpo de desejos é polarizado positivamente, fortalecendo a vontade de passar a agir. O fundamento dessa vontade é, nele, um elemento que está sob a influência de Marte. O sangue masculino contém mais glóbulos vermelhos, mais ferro, que o da mulher. Esta por sua vez, tem o corpo de desejo polarizado negativamente, o que a torna mais receptiva às influências de Vênus, e seu sangue contém mais cobre, metal condutor o que lhe possibilita dispor de maiores qualidades sociais. A fase da formação do corpo de desejos é o momento em que procuramos exprimir-nos voluntariamente e nos afirmamos em nosso meio. É muitas vezes um período de revolta, é também a procura de algo que sentimos como uma falha na construção de nós mesmos: um parceiro, por exemplo. É ao mesmo tempo a fase da orientação e da formação profissional assim como, dos projetos para o futuro.

A partir do vigésimo primeiro ano, podemos dizer que o corpo mental se edifica: nossas idéias sobre o mundo e sobre nós mesmos se estruturam plenamente. Em geral, durante essa fase, constituímos nossa família, e nossa profissão se desenha claramente.

Depois, no decorrer dos períodos dos sete anos seguintes, continuamos a construir sobre o que foi realizado durante os três primeiros períodos. Numerosas crises pessoais interpõem-se, oferecendo inúmeras possibilidades de tomada de consciência e conduzindo a uma profunda reflexão.

No decorrer dessa dança a alma purifica-se pouco a pouco

MUDANÇA INTERIOR: FASE DE REORIENTAÇÃO

Certamente se, durante essa fase, o coração permanecer aberto, os impulsos do campo de vida original procurarão entrar em ligação ativa com ele. Graças a essa ligação com o campo superior, as forças do Espírito tomam o sistema natural com a esperança de que, em dado momento, a personalidade natural se submeta ao campo espiritual. No decorrer do sétimo período de sete anos, do quadragésimo segundo ao quadragésimo nono ano, os hormônios mudam. No homem a taxa dos hormônios sexuais declina a partir dos 35 anos. Esse declínio produz-se um pouco mais tarde na mulher.

Fontes
Rijckenborgh, J.v., *Filosofia elementar da Rosacruz moderna*. Jarinu: Editora Rosacruz, 2003.
Rijckenborgh, J.v., *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz*, t.2. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1996.
Archiati, P., *Kunstwerk Biographie (Biografia como obra de arte)*. Bad Liebenzell: Archiati Verlag, 2006.
Voss, H. e Herrlinger, R., *Taschenbuch der Anatomie (Manual de anatomia)*, vol. 4. Munique: Urban & Fischer, 1989.
www.embryo.nl – Página do embriologista Jaap van der Wal.

Essa mudança hormonal acontece mais ou menos rápida e harmoniosa e afeta tanto homens, a andropausa, quanto mulheres, a menopausa. Essa fase de mudança caracteriza-se muitas vezes por crises violentas e também por uma fase de reorientação da vida, de questionar: Estamos realmente satisfeitos com o que realizamos até aqui? É ainda possível dar outro sentido à nossa vida? Se a pessoa que envelhece não pode ou não quer aceitar que as forças da procriação se retirem, muitas vezes ela é invadida por um

sentimento de inutilidade e tem a impressão de definhar, de se ver desmoronar. Mas, nessa fase, podemos também tomar claramente consciência de que não temos de procurar o que nos falta em outro alguém, mas sim dentro de nós mesmos.

A DANÇA NO RITMO DA HARMONIA DIVINA Para cada vida humana, o processo que vem a ser delineado desenvolve-se no plano horizontal e biológico do corpo. E o fim desse desenvolvimento, seja como for que ele se desenrole, é sempre a morte. Mas nós podemos ultrapassar esse processo biológico. Uma nova criação é possível, uma criação que permite desenvolver uma alma inteiramente nova! O ponto inicial desse processo ocorre quando um impulso espiritual divino toca a alma e a penetra. Então, uma nova alma nasce. Ela volta-se para a natureza superior e começa a pressentir seu destino divino, cheio de bondade, de beleza, de pura verdade. Quem não gostaria de seguir semelhante destino? Como em uma dança, nossa alma segue os impulsos divinos em uma incessante sucessão interior de trocas, reviravoltas e realizações interiores. Assim, de acordo com a melodia de nossa vida individual, é dado espaço à união íntima com o divino. Durante essa dança, a alma purifica-se cada vez mais. A melodia da vida inferior egocêntrica fica em segundo plano. As ondas ritmadas da harmonia divina, às quais a alma se confia e pelas quais se deixa guiar, levam-na ao dia abençoado da luz, às núpcias alquímicas em que se une com o Espírito. Dessa união nasce a nova criação, o novo homem de luz, com um corpo novo transfigurado, que se desenvolve em toda sua glória em uma dança eterna ☸

o amor que salva

Como falar de amor da maneira correta se te esquecemos?

Deus de amor, de quem emana todo o amor no céu e na terra, nada reténs e tudo doas com amor.

Tu, que és amor, de modo que um homem amoroso apenas é o que ele é em ti.

Como falar de amor da maneira correta se te esquecemos?

Deus de amor, mostras claramente o amor, tudo doas para redimir-nos.

Como falar de amor da maneira correta se te esquecemos?

Espírito de amor, nada tomas dos teus e lembra-nos a única oferenda de um homem crente: amar como é amado e amar o próximo como a si mesmo. [...]

Na vida dos seres humanos há apenas poucos atos que podem ser denominados verdadeiros atos de amor, verdadeiras obras de amor.

Porém, na vida original não é adotado nenhum ato que, em verdadeira autonegação, não seja um ato de amor provindo da necessidade do próprio amor e, por isso mesmo, sem exigência alguma de mérito.



As mães de família indianas tradicionalmente executam belas decorações no chão de suas casas com farinha de arroz. Elas praticam essa arte, chamada “Rangoli”, para celebrar a colheita que, mais uma vez, assegura a vida.

Segundo Sören Kierkegaard, *O que o amor faz*.



o significado

“A verdadeira salvação é permitir o renascimento de nossa vida individual no verdadeiro amor, na imortalidade. O homem enquanto indivíduo apenas pode alcançá-la de maneira coletiva, com outros.”



Vladimir Soloviev (1853–1900) foi um dos maiores pensadores da Rússia e também de todo o povo eslavo. Sua obra eclética contém, ao lado de escritos muito conhecidos como *As três entrevistas* e *Breve conto sobre o Anticristo*, cinco ensaios sobre *O sentido do amor* (1892–1894) bem como suas notáveis obras filosóficas.

Soloviev preocupava-se em compreender de maneira profunda o amor entre o homem e a mulher e em sondar seu sentido filosófico.

Por um lado, amar e ser amado é o que desejamos o mais profundamente possível; mas ao mesmo

tempo é o que há de mais inexplicável e misterioso. Examinando o fenômeno do amor, o pensador

defronta-se com os limites da sua compreensão e da sua impotência em explicá-lo. É justamente esse paradoxo que estimula seu interesse e suas interrogações.

do amor

O AMOR E A LIVRE UNIDADE UNIVERSAL *O homem é uma entidade que possui interiormente uma idéia divina, a unidade universal, ou seja, a absoluta plenitude do ser.* A reflexão de Soloviev sobre o sentido do amor pode compreender-se apenas no contexto filosófico da liberdade da “unidade universal”. Ele pensa que a alma humana é penetrada por uma idéia divina que define como o conceito de unidade universal. Ele compara a complexidade da vida humana com um espesso tecido feito de camadas sucessivas, costuradas com um fio divino sutil, o qual é visível em alguns momentos e em outros não. A tarefa consiste em localizá-lo e liberá-lo. Mas é necessário fazer uma escolha, porque é apenas a quem deseja perceber o “fio divino” que se revela a missão divina na realidade diária. O homem deve interceptar, entre mil vozes divergentes, a singular e única voz divina. E, gradualmente, ela instaura uma ordem entre todas as vozes e cuida para que elas se reconheçam e se respeitem. Uma interação estabelece-se, um diálogo onde

nenhuma voz, nenhum ser domina nem suprime os outros, mas simplesmente atinge “no outro” a plenitude do ser.

Soloviev distingue, com perspicácia, duas espécies de unidade completamente opostas, o que faz dele um pioneiro em estabelecer o limite entre o mundo terrestre e o divino. De acordo com ele, na unidade universal positiva e verdadeira o indivíduo não existe à custa de todos, mas sim para o benefício de todos. Em contrapartida, a unidade universal negativa e errônea oprime e absorve os elementos que nela ingressam e permanece, portanto, essencialmente “vazia”. A unidade positiva e verdadeira mantém, alimenta e fortifica seus elementos individuais, manifestando-se neles como “plenitude do ser”.

Soloviev é realista o bastante para ver o estado de “queda” da humanidade de hoje, que ele atribui à unidade negativa, na qual estão contidas muitas idéias fragmentárias que perderam a ligação com a totalidade e, sobretudo, que, por sua pretensão à exclusividade, corrompem seu valor verdadeiro. Esses fragmentos de idéias entram continuamente em conflito uns com os outros e mantêm a humanidade num estado de desarmonia espiritual. Para Soloviev, a missão do homem é dar interiormente lugar à idéia “de livre unidade universal”. Cada ser humano deve ser considerado essencial e insubstituível para a realização eterna da unidade universal. Sua individualidade, seu verdadeiro ser, consiste em reconhecer sua tarefa: servir a unidade universal, ser um órgão vital dessa unidade. Contudo, essa realização não pode ser alcançada pelas próprias forças. Uma relação íntima com o Deus original e imutável é necessária aos homens para o desenvolvimento de uma consciência livre, graças à qual eles serão capazes de se aceitar mutuamente, com solidariedade e amor incondicionais.

APEGO E CONSENTIMENTO Quem ama se sente atraído de maneira inexplicável pelo outro ser, atração que pega o amante de surpresa e suscita nele uma aceitação à qual dedica todas as fibras do seu ser: “O amor torna-se um valor original quan-

Abraxas, a força quádrupla do amor

Muitos seres humanos são bastante sábios. Outros possuem vontade inquebrantável, forte como um furacão. Outros ainda trazem a assinatura de um labor extraordinário e estão sempre ocupados. No entanto em tudo o que considerais em vossa sabedoria, em tudo o que quereis com vossa vontade dinâmica e irredutível, em tudo o que fazeis em vossa operosidade, encontra-se como base o amor? Se, na qualidade de mais elevado e mais poderoso, o amor não estiver presente ou apenas estiver presente parcialmente, ou ainda fizer

diferenciações, se não abranger a tudo e a todos, então tudo escapará de vossas mãos, e não sereis bem sucedidos em nada ou tudo será retirado novamente de vós [...] Ninguém é bom; todos se desencaminham, desde o início. Por isso, deveis regressar ao início, ao início do estado de alma-vivente. Quando esse início for atingido, sereis capazes de trazer o equilíbrio a Abraxas e seus quatro cavalos solares em vós mesmo e fazer dimanar desse equilíbrio o verdadeiro movimento. Então podereis realizar, com a força quádrupla plena de amor, sabedoria, vontade



e atividade, o trabalho libertador único e verdadeiro no Jardim dos Deuses.

Rijckenborgh, J.v. *O Nuctemeron de Apolônio de Tiana*. Jarinu: Editora Rosacruz, 2003.

do é um ato livre, englobando e comprometendo todas as energias, pelo qual os homens se unem e se abrem uns aos outros”. A noção de abertura, de aceitação, de “dizer sim”, tem, em Soloviev, um sentido decisivo. O sim à pessoa de quem se gosta dirige-se primeiro à pessoa, a aparência física. Mas esse plano sensorial deve ser acompanhado por um reconhecimento no plano moral. O fato de sentir-se atraído por alguém no plano físico e instintivo não constitui ainda uma aceitação. “O sim” verdadeiro se diz somente em total liberdade e quando o ser amado é receptivo. No amor, quem ama revela todo o seu ser. “Se gosto no outro somente de suas qualidades, realmente não estou unido a ele, porque gostar do que é bom para mim é essencialmente gostar apenas de mim mesmo.” Só a relação com a pessoa amada permite conhecer o eu, o eu do outro considerado o único objeto de nosso apego, de nossa aceitação, de nosso respeito em sua insubstituível singularidade. Ao mesmo tempo que o plano físico e moral, Soloviev vê uma dimensão espiritual do amor entre o homem e a mulher. O fato de que os seres humanos possam unir-se pelo amor está fundamentado na existência de um poder absoluto e secreto. Poder dizer o “sim incondicional” é reflexo do amor divino que nos convida: “Acredita sem temor no “sim incondicional” e diz este sim a quem amas”. Os três níveis do sim – sensorial, moral e espiritual – devem cooperar; é sua própria predestinação. Cada um depende do outro para poder revelar-se.

O AMOR VENCE O EGOÍSMO O mal do egoísmo existe, diz Soloviev, não porque “o homem tem tendência a superestimar-se e a conceder-se um significado e um valor soberano, em virtude de seu poder de conceber a verdade absoluta”. Com essa faculdade, ele efetivamente possui um sentido absoluto, que, como indivíduo, o torna único e insubstituível. A dificuldade aparece quando ele se considera “o centro do mundo” e recusa ao seu semelhante o valor capital que atribui a si mesmo. O mérito exclusivo do qual ele se apropria é, contudo, apenas uma potencialidade prestes a ser realizada: “Deus é tudo, contém a completa plenitude do ser. O homem é apenas ele mesmo, não outro, mas pode tornar-se tudo se derrubar os muros que o separam dos outros. Ele pode tudo, mas apenas com os outros. É apenas com os outros que pode realizar seu valor absoluto, tornar-se uma parte livre e insubstituível, um órgão vivo, independente e essencial da vida absoluta”. Há apenas uma força, segundo Soloviev, que pode extirpar o egoísmo e desenraizá-lo: é o amor entre um homem e uma mulher. Quem ama é arrancado de si mesmo; ele já não está centrado em si mesmo, mas descobre o centro de sua existência no outro. Encontramos essa força de transformação por toda parte onde o amor realmente existe: o amor dos pais, o amor dos amigos, o amor místico. Porém, é o amor verdadeiro entre um homem e uma mulher o mais potente, porque nele se combina um máximo de concordâncias

com um máximo de diferenças. Cada pessoa que amamos representa e permanece um encontro com um “sujeito” intrínseco. Cada pessoa é portadora, como nós, de um núcleo essencial que, no entanto, ela percebe diferentemente, à sua maneira, de modo que cada expressão de nosso ser deve encontrar nela uma expressão correspondente, mas não idêntica. Como é possível integrar-se à existência de outros seres sem, assim, extinguí-los ou extinguir a si mesmo?

A DESCOBERTA DA IMAGEM DE DEUS Sabemos todos como são efêmeros os sentimentos do amor passional. A fase inicial de estar apaixonado é logo seguida de desilusão. Soloviev opõe-se, no entanto, ao amor passional em seus ensaios, qualificando-o de ilusão, de erro. De acordo com ele, a pessoa que ama tem certeza direta, logo no início da atração magnética, de ver realmente no outro uma coisa que alguém que não ama não pode ver. Ela vê na pessoa amada “uma imagem de Deus”. Vê no outro o potencial secreto de poder corresponder a Deus! E nessa premonição, nessa visão intuitiva do outro sob uma forma realmente divina, quem ama recebe a idéia de uma promessa e de uma missão. Começará por experimentar isso, primeiro, como uma experiência passiva; em seguida, deixará tomar forma, em si mesmo e no outro, essa imagem remota de Deus “de maneira ativa”.

Nisso ele pode incorrer em dois graves erros. Se quem ama aplica sobre o outro uma imagem ideal e não vê as suas qualidades e possibilidades individuais, então se segue uma interpretação egocêntrica da relação amorosa. Então, a pessoa apaixonada faz do outro a sua própria criação, projeta sobre o outro uma imagem ideal da sua própria concepção. Para Soloviev trata-se então, apenas da “manifestação agressiva de um amor egocêntrico”. Se, desde o começo, alguém nega essa imagem ideal percebida pelo outro, ou mesmo a torna ridícula (o amor é cego!), esse avanço em total confiança pode ser de grande auxílio. É este

um dos deveres de ajuda e de apoio mútuos nas diversas situações encontradas. O potencial da imagem ideal pode, então, ter a oportunidade de desenvolver-se.

Soloviev propõe a idéia de que apenas a força divina nos confere o poder do amor incondicional. Quem pode ver alguém sob uma luz ideal e o ama apesar do que há de imperfeito e instável, gosta daquilo que Deus sempre gostou nessa pessoa. Assim, nele age e vive o amor de Deus. É por isso que, no amor entre um homem e uma mulher, acontece algo que excede de longe o poder humano: a força do amor divino provoca uma metamorfose essencial do ser humano ✪

Fontes

Soloviev, V., *O significado do amor*

Casper, B., *Liebe*, Munique, 1973, p. 856

Wenzler, L., *Leidenschaft die Glaube wird*, ensaio XIX, Hamburgo, 1985

o ritmo da manifestação universal

O amor é um fogo, uma força do coração. Mas o ódio também é uma força ígnea que causa danos e destrói. O coração humano mantém-se entre essas duas correntes por um longo tempo, até perceber a essência tanto de uma quanto de outra. E, assim, inspirado por um tipo de benevolência neutra, ele sai, um dia, à procura da luz. No terceiro caminho, já desde o início, ele encontra o amor em sua pura essência: o ritmo da manifestação universal.



texto de J. van Rijckenborgh

Assim como o verdadeiro bem se encontra apenas em Deus, também o amor está apenas em Deus e nenhum dos dois se encontra no homem nascido da natureza. Eis por que os buscadores da verdade serão bastante sábios para não tentar encontrá-los onde eles não existem e muito menos ainda reprovarão a bondade e a beleza humanas, pois o ódio queima e aniquila. O amor também é um fogo, um fogo astral que se relaciona com o coração. Todo aquele que buscou o amor acaba perdendo suas ilusões e se corrige, ao passo que sua fome do único necessário se purifica e se torna imperiosa. Porém, o fogo do ódio, embora também seja uma radiação astral do santuário do coração, danifica e destrói o coração. Quanto aos que estão cheios de ódio, nada lhes resta.

Há ainda uma terceira atitude que consiste em já não esperar nem buscar o impossível, adotando-se, portanto, um ponto de vista puramente objetivo, praticando um tipo de benevolência neutra, simplesmente aceitando as coisas como elas são.

POR ISSO HERMES DECLARA: *“Assim, Asclépio, isso está estabelecido no tocante à bondade e à beleza humanas, e não podemos delas fugir nem odiá-las, porque o mais penoso de tudo é que precisamos delas, e sem elas não podemos viver”.*

Enquanto vivemos como seres nascidos da natureza, precisamos desta vida e do que lhe é específico. Precisamos entender o seguinte conselho: não devemos alimentar nenhum ódio ou desejo de vingança no que concerne ao curso da vida na natureza e muito menos devemos tentar evitá-lo.

O DESAPEGO Mas então, o que fazer? Bem, se já não amamos nem a bondade, nem a beleza e o ódio humanos e muito menos tentamos fugir deles, permanecemos em desapego na natureza dialética. Já não existe nada que nos ligue a ela. Cumprimos nossos deveres diários sem protestos, suspiros ou espírito de vingança e sem resistência. Atravessamos a vida sombria desta natureza de acordo com o curso de suas leis. Como não podemos negar nosso nascimento na natureza, nela cumprimos nossos deveres pelo fato de sermos obrigados a isso e o fazemos de cabeça erguida, sem ódio, sem fuga, sem amor. E se nos caminhos da vida encontramos um buscador da verdade, assim como nós, lançamos-lhe um olhar de cumplicidade.

Para onde se dirige o buscador da verdade? Ele volta-se para a essência das coisas, para os fundamentos de tudo que se manifesta. Ele volta-se para o Bem único, que se encontra somente em Deus. Então, de um só golpe, quem encontra Deus e participa do Bem único já não é deste mundo! Quando encontramos Deus, vivemos então com todos os outros, irmãos e irmãs, no novo campo de vida, no mundo das almas.

UM ESTADO DE SER SEM SOMBRA Na manifestação divina impera somente o ritmo universal; ritmo que anima o mais ínfimo átomo. Esse estado de ser desconhece qualquer contraparte, não produz sombra e reproduz a si mesmo imutavelmente. Aí, não existe bem que se opõe ao mal, beleza que se opõe à feiúra, amor que se opõe ao ódio, ilusão que se opõe à verdade. A Gnose não possui algo como amor, o amor não provém dela: ela é amor!

Em outras palavras, o amor divino não conhece orientação particular, nem luta, nem atividade. Ele existe em si mesmo, é uma ordem mundial; ele é o mundo mesmo. À semelhança de um fole que se contrai ritmicamente, ele produz uma grande força. Assim o ritmo universal da manifestação gera uma grande força, e nada pode opor-se a ela. Se compreendermos isso claramente, reconheceremos como nossa natureza é desesperançada e sem saída. Então nos decidiremos a gastar, em relação a ela, o mínimo possível de palavras. Não faremos nenhum tipo de demonstração aos que não podem compreender. Deixaremos o mundo ser o que ele é e permaneceremos em total domínio de nós mesmos. Engajados no verdadeiro serviço divino nos orientaremos unicamente para aquele que pode receber o ritmo universal e lhe é similar: o átomo maravilhoso, a rosa do coração, o reino que não é deste mundo ☸

Bibliografia:

Rijckenborgh, J. v. A *arquignosis egípcia*, vol. III.

São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1989,
cap. 2

Rijckenborgh, J. v. A *Gnosis chinesa*, Jarinu:

Editora Rosacruz, 2003, cap. 5.

chamado ao verdadeiro amor

Ser chamado a realizar o verdadeiro amor: que pensamento reconfortante, que sentimento de esperança, que idéia maravilhosa! Todavia, somos capazes de nos entregar, sem reflexão, dúvida ou medo, a esse poderoso chamado, a esse processo universal? Somos capazes disso? somos dignos dele? Fazemos o que é esperado de nós?



Camille Claudel, *A Valsa*, 1905

O homem transformado já não é levado por idéias ou ambições baseadas em seu próprio ser

O que tenho diante de mim é real ou ilusório? E se eu estiver enganado? O que dizem os outros? Será verdade? Posso amar sem restrição e sem a aprovação dos que aparentemente sabem melhor do que eu como se deve amar verdadeiramente?

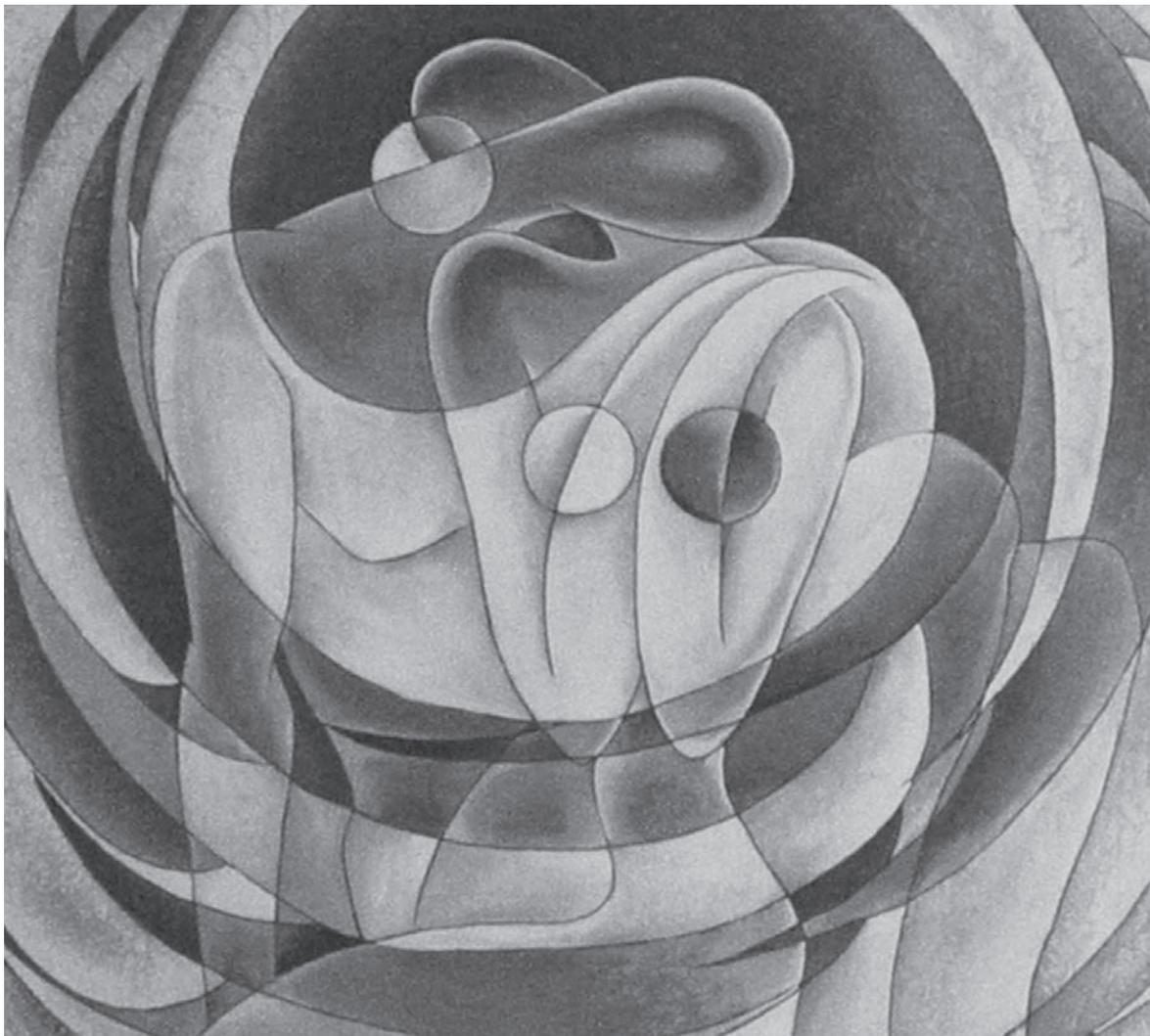
Entretanto, é mais fácil colocar de lado essas dúvidas e imagens quando, de repente, experimentamos esta sensação tão doce e animadora.

O que ocorre? O que faz que meu eu cesse de interferir, que os tormentos e os conflitos desapareçam, que minha própria pessoa cesse de andar em círculos, essa pessoa que “é pó e ao pó retornará”, e sejam substituídos por algo intangível, algo que se revela radiante de beleza e de realidade?

SOMENTE COM AMOR Como nos contos, os que amam se metamorfoseiam. Sapos, lagartas e seres malvados transformam-se em cisnes, príncipes, princesas e nobres senhores. Em pessoas que se transformam de maneira tão fundamental não há espaço para idéias e esforços voltados para seu eu. Então sentimos essa força vivente que nos penetra e nos salva, que se opõe ao nosso egoísmo com suas raízes no âmago do nosso ser. Essa força nos dá a possibilidade de observar as pessoas que amamos, e nós mesmos, sem levar em conta as fraquezas e as imperfeições; ela nos proporciona desprendimento, aceitação e perdão. Nosso destino é o mundo superior, onde, felizmente não seremos julgados, não seremos medidos. Deus é amor, e quem encontra em si esse amor já não deseja retroceder, já não suporta viver sem esse amor e aspira somente a poder colocar-se a serviço desse amor e a serviço de outrem durante o resto da sua vida.

No entanto, após certo tempo, esse estado maravilhoso e divino desaparece, e nosso mundinho cansativo se impõe novamente, com todas as suas reflexões e preocupações habituais. Isso não é trágico? Não é muito dramático? Será que isso é natural e justificado? Teria sido o teste demasiado pesado, mal compreendido ou mal executado? Sem forças, desesperados e desapontados, mas, ao mesmo tempo, tendo nos tornado mais compreensivos após tantas experiências parecidas, perceberemos como a natureza comum consegue de novo infiltrar-se em nós, pois nesse momento retornam a nós as imagens convencionais comuns e os princípios estabelecidos que haviam tomado o lugar de Vênus, a brilhante estrela da manhã que nos inspirou e mostrou sem palavras o caminho que nos liberta da natureza egocêntrica e dominadora. Se compreendemos a exigência do amor – tudo ou nada – de acordo com a realidade cotidiana, o fracasso será inevitável. Não existe possibilidade de cumprir conscientemente essa sublime tarefa. Uma lembrança muito especial permanece, mas falta a verdadeira força capaz de tudo transformar. O amor esvanece-se em uma vivência que nos toca, mas não nos satisfaz em nosso íntimo. Não é de se admirar que esse amor esteja fadado a desaparecer, ou a já não agir: não somos capazes de responder-lhe e chegamos mesmo a confundir-lo com todo tipo de objetivos burgueses.

A REALIZAÇÃO DO VERDADEIRO AMOR De que maneira podemos referir-nos a ela? Por onde iniciar essa realização à qual aspiramos tão intensamente e que não nos oferece descanso? Para nosso



Xiao Ling, A eternidade do amor (sem data).

consolo, trazemos em nós, além da nossa natureza animal e da moral social, um princípio superior. Trata-se de um princípio espiritual, religioso ou divino, ao qual poderíamos referir-nos como a lei do amor.

Vladimir Soloviev não atribui grande valor ao gênero humano comparado com o homem verdadeiro. Na realidade empírica o homem como tal não existe de modo nenhum – ele só existe em certa parcialidade e limitação, como individualidade masculina ou feminina (e nessa base se revelam, pois, todas as diferenças restantes). Mas é evidente que o verdadeiro homem na plenitude de sua personalidade ideal não pode ser só homem ou

mulher, mas deve ser a unidade superior dos dois. Realizar essa nova e livre unidade pela criação do verdadeiro homem é a mais suprema vocação do amor. Incontáveis obstáculos, descuidos e erros aparecem no caminho do buscador, mas nada pode detê-lo se a incitação reconfortante do amor fortalece seu desejo de seguir o chamado! ✪

Fonte

V. Soloviev, O significado do amor, Damon Uitgeverij, 1985.

*Teu chapéu eleva-se de mansinho
e faz uma saudação, flutuando ao vento,
a cabeça descoberta atrai nuvens,
o coração tem o que fazer em outro lugar,
a boca assimila novas línguas.
A grama trêmula cresce exuberante no solo,
o verão sopra ásteres para o alto e os desfaz.
Cego elevas o rosto
para os flocos que caem.
Ris, e choras, e fenesces em ti.
O que ainda te acontecerá?*

Explica-me, amor!

*O pavão, com assombro solene, abre a cauda,
o pombo arrufa o colar de penas,
o ar dilata-se, saturado de arrulhos,
o pato grita, a terra toda desfruta o mel selvagem,
no parque calmo cada canteiro
se cobre de um pó dourado.*

*O peixe cora, ultrapassa o cardume e atira-se
através das grutas no leito dos corais.
O escorpião dança tímido
a música das areias argêntneas.
O escaravelho sente de longe o melhor odor;
se pelo menos eu tivesse a sensibilidade,
perceberia que asas brilham sob sua carapaça,
e tomaria o caminho
para o distante bosque de morangos!*

Explica-me, amor!

*A água sabe falar,
a onda toma a onda pela mão,
na vinha a uva entumesce, salta e cai.
Sem a menor astúcia o caracol sai da concha!
Uma pedra sabe suavizar outra!*

*Explica-me, amor, o que não posso explicar.
Deveria ocupar o tempo terrivelmente curto
apenas com pensamentos e entrementes
não conhecer nem fazer nada amável?
Tenho de pensar? Não me perderei?*

*Dizes: é outro o espírito que te anima...
Não me expliques nada.
Vejo a salamandra atravessar as chamas.
Dano algum lhe acomete, nem sofre dor alguma.*



explica-me,

Ingeborg Bachmann



amor!

Ingeborg Bachmann procura aqui penetrar de modo pleno o que é o amor. Ela não pede explicações a alguém, mas se dirige, por assim dizer, ao próprio amor. Um segredo pode ser revelado: “o chapéu, que é levantado à guisa de saudação”, permite que novos pensamentos afluam. Quando a cabeça está descoberta, estamos abertos a

novas influências mentais.

“O coração tem o que fazer em outro lugar”: a principal tarefa do coração não é aquilo com que nos ocupamos habitualmente no dia-a-dia. A boca, que apenas serve para a ingestão de alimento, assimila novas línguas, assimila algo novo, que serve ao entendimento, à compreensão.

“A grama trêmula cresce exuberante no solo.”
Inquietação surge pela influência do novo.
“O verão sopra ásteres para o alto e os desfaz.”
Não são extintas em nosso ser astral, repetidas vezes,
velhas estrelas, a fim de que novas sejam acesas?

“Cego elevas o rosto para os flocos que caem.”
São os flocos em flor dos ásteres,
os flocos de neve do exterior,
de onde temos de elevar-nos
a fim de encontrar o interior.

“Ris, e choras, e feneces em ti.”
Platão diz: O amor é sempre pobre e de modo
nenhum é doce e belo, como se pensa, porém duro,
pobre, veste-se miseravelmente e não tem lar.
Ele não encontra nem mesmo uma pedra onde
repousar a cabeça. À noite, deita-se no solo sem
coberta, dorme nas soleiras das casas e nas ruas e,
como sua mãe, sempre passa necessidade.
Por outro lado, ele está voltado para tudo o que é belo
e digno. Valente e enérgico como um grande caçador,
que está voltado continuamente para seu objetivo,
e sempre ocupado com planos, ele é alguém que
deseja compreender tudo, que medita toda uma
vida, e, ao mesmo tempo é mortal e imortal. Em
um instante, quando encontra um coração solícito,
ele realiza-se, floresce e vive como seu pai, a abundância.
Contudo, ele jamais é imutável neste mundo.
O que adquire, quando tem sucesso, desaparece
e tem de ser readquirido na pobreza interior.

Ingeborg Bachmann descreve como o amor no
reino animal atual como atração amorosa: nos seres
do ar, da água, da terra.

Ela utiliza a imagem da água: ondas rolam juntas e
formam uma unidade. E, vede, frutos surgem e fe-
necem. Paulatinamente ousamos sair do invólucro
material, da concha que nós mesmos engendramos.

“Uma pedra sabe suavizar outra!” Endurecidos
na matéria, como estamos, podemos, mediante o
amor, libertar-nos mutuamente da petrificação.
Pensamos, e pensamos, e tentamos compreender o
amor. No entanto, é muito mais fácil.

“Tenho de pensar? Não me perderei?”

Não busca o amor o que está perdido?

“Dizes: é outro o espírito que te anima...”

Sentimos falta do Espírito divino em nós.

Ingeborg Bachmann

Ingeborg Bachmann nasceu em
Klagenfurt, Áustria, em 1926. Em
1950, obteve seu doutorado com
uma tese sobre Martin Heidegger.
Como redatora de uma estação de
rádio, viajou muito e trabalhou em
Paris e Londres. Desde 1953, quan-
do, num “Dia de portas abertas”

do Grupo 47, foi descoberta como poetisa, trabalhou independen-
te como escritora.

Os temas de seus primeiros anos de autora foram amor, morte
e despedida. Eles foram recebidos pelo público e pela crítica de
maneira mais inocente do que era pretendido. Ela defendeu-se
com vigor contra a classificação de sua obra como “literatura bela
e apolítica”. Já desde seu primeiro volume de poesias, *O tempo
protelado*, ela dedica-se à relação problemática do homem com a
natureza. Em 1961, Ingeborg Bachmann publicou a obra autobiográ-
fica *Juventude numa cidade austríaca*, na qual expressa a formação
social e política de seus pensamentos. Nos recitais de poesia na
Universidade de Frankfurt, em 1959 e 1960, assume uma postura
crítica contra si mesma e seus sucessos anteriores.

Desde meados da década de sessenta do século 20 morou em
Roma. Em 1971, foi publicado seu romance *Malina*, como parte de
um ciclo de romances cujo título é *Tipos de morte*. Ela não pôde
concluir esse ciclo, que documenta, da perspectiva feminina, a
repressão e a exploração da fraqueza social. Ingeborg Bachmann
morreu em 17 de outubro de 1973, em Roma, em conseqüência de
um incêndio.

De seu último poema:

*Cheguei ao entendimento
pelas palavras que existem
(para as classes mais baixas):
fome, vergonha, lágrimas e trevas.*

www.ingeborg-bachmann-forum.de



O Espírito divino nos cerca, porém não podemos
abrangê-lo.

Contudo, ele pode preencher-nos perfeitamente.
“Não me expliques nada.” Nada há para explicar.
Seu próprio olho em nós o percebe, percebe a si
mesmo. A salamandra atravessa as chamas sem quei-
mar porque ela é um ser do fogo. Assim é com o
Espírito. O que é do Espírito não conhece medo e
nunca é capaz de prejudicar a nós, filhos do Espí-
rito ✪



Isenta de qualquer forma de bondade, a misericórdia é uma forma de magia. É a magia da figura da alma revelando-se em certo estado do santuário do coração. [...] A magia da alma é a argamassa com a qual a construção pode ser erigida de maneira sólida, firme, em indestrutível beleza. A essência, a característica perfeita dessa magia da alma, como argamassa para a construção, deve ser definida como absoluto amor ao próximo, que tudo engloba. Esse amor não envolve meramente uma pessoa ou um grupo de pessoas com as quais se tenha afinidade sangüínea, porém envolve e se dirige a todos indistintamente, pois é impessoal. E esse amor nos faz conhecer a Deus, conhecê-lo e vê-lo em sua plenitude. [...] "Deus é amor", testemunham os livros sagrados. Deus não possui amor como um de seus atributos, mas Deus é amor! O amor é a própria essência da divindade. [...] Apanhado por essa magia, o homem, então, adquire uma confiança inabalável, uma vibração reforçada, uma iluminação espiritual do sangue, que neutraliza, tanto quanto possível, a pesada hereditariedade sangüínea. O interessado é colocado ante a possibilidade de ver seu caminho de modo claro e fazer brotar a força indispensável para percorrê-lo. [...] Essa é a energia do amor que, no próximo, é transmutada em vida, e que, como resultado, retorna multiplicada por mil a quem a emite.

Rijckenborgh, J.v. *O mistério das bem-aventuranças*. Jarinu: Editora Rosacruz, 2007, cap. 9.

O amor que salva

Devemos compreender bem agora que não há sentido, e é mesmo muito errado, falar sentimentalmente sobre o amor divino e consagrar-lhe versos. Quem sobre ele fala, tem de fazê-lo com atos, com os fatos da construção concreta. Isso é exigido de nós. O que é denominado amor na Doutrina Universal é a substância primordial da chama divina, da alma do mundo. Quando a luz dessa flama arder na nova circulação magnética, o candidato será capaz de – segundo as palavras de Paulo – “cobrir todas as coisas com esse amor”. [...] Esse processo do amor divino extingue, pois, o carma. Ele cobre o carma, portanto, não apenas em sentido negativo [...] porém o substitui completamente. [...] O sistema magnético do ser aural é totalmente afetado por essa flama divina. Esse firmamento dialético é extinto, e um novo firmamento se forma. Sob esse novo céu, uma nova terra microcós mica irá, terá de manifestar-se: o vindouro novo homem.

J. van Rijckenborgh em *O advento do novo homem*.

